



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PERSONALIDADE E TENDÊNCIAS AGRESSIVAS

TAYNÁ DE SENA BENÍCIO GOMES

BELÉM - PARÁ

2025



AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PERSONALIDADE E TENDÊNCIAS AGRESSIVAS

TAYNÁ DE SENA BENÍCIO GOMES

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito total para obtenção do grau de Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Castro dos Reis

Coorientador: Prof.^o Dr. Edson Júnior da Silva Cruz

BELÉM - PARÁ

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento - BIBLIOTECA

G633a Gomes, Tayná de Sena Benício, 1995-
Autores de violência doméstica: personalidade e tendências agressivas /
Tayná de Sena Benício Gomes. — 2025.

137 f.: il.

Orientador: Daniela Castro dos Reis

Coorientador: Edson Júnior da Silva Cruz

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de
Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em
Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2025.

1. Análise do comportamento. 2. Ecoetologia. 3. Mulher (violência
doméstica). 4. Violência doméstica (autores). 5. Violência (traços de
personalidade). 6. Agressividade. I. Título.

CDD - 23. ed. 150.77

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB-2/780

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Tayná de Sena Benício Gomes, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.

Contato: E-mail: tayna.sena84@gmail.com

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PERSONALIDADE E
TENDÊNCIAS AGRESSIVAS

Aluna: Tayná de Sena Benício Gomes

Data da defesa: 11/02/2025

Resultado: Aprovado

Banca examinadora:

.

Prof.^a Dr.^a Daniela Castro dos Reis (orientadora - UFPA)

.

Prof^o Dr^o Edson Júnior Silva da Cruz Teixeira (coorientador - UFPA)

.

Prof.^a Dr.^a Carla de Cássia Carvalho Casado (membro 1 - UFPA)

.

Prof.^a Dr.^a Sandra Elisa de Assis Freire (membro 2 - UnB)

Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA.

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor*: Tayná de Sena Benício Gomes

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente **Unidade:** Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Subunidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; () Artigo de Periódico; () Trabalho de Evento; () Outro. Especifique: _____

Título do Trabalho: Autores de Violência Doméstica: Personalidade e Tendências Agressivas

Data da Defesa: 11/02/2025 **Área do Conhecimento:** Ecoetologia

Agência de Fomento: CAPES

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

a. Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b. Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported, e de acordo com a Lei no 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a partir desta data. Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

(X) Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

() Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

(X) Sim

() Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém (PA), 11 /02 /2025

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Documento assinado digitalmente
gov.br TAYNA DE SENA BENICIO GOMES
Data: 09/05/2025 15:01:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gomes, T. S. B. (2025). *Autores de Violência Doméstica: Personalidade e Tendências Agressivas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil, 137p.

RESUMO

A personalidade pode ser entendida como a junção de traços característicos de um indivíduo desenvolvida ao longo do desenvolvimento humano por diversos fatores, como genéticos, culturais, ambientais, educacionais e pelas interações sociais, sendo um conceito da psicologia que estuda o ser humano em sua totalidade e complexidade. É considerada como um dos principais construtos que pode influenciar no desenvolvimento de tendências agressivas, de modo a resultar no comportamento violento, como violência física e verbal. Em paralelo a isto, tem-se a agressividade, a qual é uma conduta consciente, e em algumas situações, planejadas, com o intuito de causar danos a terceiros, como xingamentos e comportamentos hostis, a exemplo de mentir. A literatura internacional sinaliza sobre a personalidade de autores de violência e o quanto esta pode influenciar na perpetração de comportamentos agressivos. Em contrapartida, no Brasil poucas pesquisas estão relacionadas à personalidade dos autores de violência, uma vez que os estudos se concentram sobre as características das vítimas. O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre os traços de personalidade e tendência à agressividade dos autores de violência doméstica contra mulher. A pesquisa foi transversal, descritiva e quantitativa, com amostra independente. Para isso, foram entrevistados 30 homens autores de violência que frequentam o Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero (NUGEN) da Defensoria Pública do Estado do Pará. Utilizou-se o Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência, a Bateria Fatorial da Personalidade e a Escala para Avaliação de Tendências Agressivas. As análises de dados foram feitas por frequência e medidas de tendência central e correlação por meio do teste R de Pearson no SPSS 23. Os resultados identificaram correlações significativas entre personalidade e tendências agressivas. O traço mais frequente dentre os participantes foi Neuroticismo, responsável por avaliar características relacionadas à tomada de decisão, instabilidade emocional e comportamentos impulsivos. No que diz respeito às tendências, a mais latente foi a B, a qual afirma que os comportamentos agressivos não se encaixam em um padrão, ocorrem de forma esporádica e se caracterizam como violência verbal, como hostilidade. Estes resultados confirmam os achados da atual literatura, uma vez que o traço mais relacionado à agressividade foi o Neuroticismo. No que tange às correlações, os principais achados do estudo correspondem a correlação entre os traços de Neuroticismo e Socialização com as condutas A e B, respectivamente, de maneira negativa e moderada, e a conduta C correlacionou-se de forma moderada e negativa com os traços Realização e Abertura. Esses resultados apontam que autores de violência doméstica apresentam dificuldade em lidar com as próprias emoções, déficits em habilidades sociais e dificuldade em traçar metas para o futuro. Por fim, conclui-se que, apesar dos achados confirmam que a violência é influenciada pelos traços de personalidade, é necessário que pesquisas futuras sejam realizadas, com uma amostra maior, de modo a compreender os traços de personalidade que podem predispor tendências agressivas, as quais ocorrem nas relações entre autores de violência doméstica e vítimas.

Palavras-chave: Autores de Violência Doméstica; Personalidade; Agressividade.

Gomes, T. S. B. (2025). Perpetrators of Domestic Violence: Personality and Aggressive Tendencies. Master's Dissertation, Postgraduate Program in Behavioral Theory and Research. Federal University of Pará, Belém-PA, Brazil, 137 pages.

ABSTRACT

Personality can be understood as the combination of an individual's characteristic traits developed throughout human development by various factors, such as genetic, cultural, environmental, educational and social interactions, and is a concept from psychology that studies the human being in its entirety and complexity. It is considered one of the main constructs that can influence the development of aggressive tendencies, resulting in violent behavior, such as physical and verbal violence. In parallel to this, there is aggressiveness, which is a conscious and, in some situations, planned behavior, with the intention of causing harm to third parties, such as insults and hostile behavior, such as lying. International literature indicates the personality of perpetrators of violence and how much this can influence the perpetration of aggressive behavior. In contrast, in Brazil, few studies are related to the personality of perpetrators of violence, since studies focus on the characteristics of the victims. The objective of this study was to analyze the relationship between personality traits and aggressive tendencies of perpetrators of domestic violence against women. The research was cross-sectional, descriptive and quantitative, with an independent sample. For this purpose, 30 male perpetrators of violence who attend the Center for Prevention and Confrontation of Gender Violence (NUGEN) of the Public Defender's Office of the State of Pará were interviewed. The Biopsychosocial Characterization Form for Perpetrators of Violence, the Personality Factor Battery and the Scale for Assessing Aggressive Tendencies were used. Data analyses were performed by frequency and measures of central tendency and correlation using Pearson's R test in SPSS 23. The results identified significant correlations between personality and aggressive tendencies. The most frequent trait among the participants was Neuroticism, responsible for assessing characteristics related to decision-making, emotional instability and impulsive behaviors. Regarding trends, the most latent was B, which states that aggressive behaviors do not fit into a pattern, occur sporadically and are characterized as verbal violence, such as hostility. These results confirm the findings of the current literature, since the trait most related to aggressiveness was Neuroticism. Regarding correlations, the main findings of the study correspond to the correlation between the traits of Neuroticism and Agreeableness with behaviors A and B, in a negative and moderate way, and behavior C correlated in a moderate and negative way with the traits Achievement and Openness. These results indicate that perpetrators of domestic violence have difficulty in dealing with their own emotions, deficits in social skills and difficulty in setting goals for the future. Finally, it is concluded that, although the findings confirm that violence is influenced by personality traits, future research is necessary, with a larger sample, in order to understand the personality traits that can predispose aggressive tendencies, which occur in the relationships between perpetrators of domestic violence and victims.

Keywords: Perpetrators of Domestic Violence; Personality; Aggressiveness.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar os agradecimentos a minha família, a qual se manteve presente em todos os momentos desse processo tão solitário que é fazer pesquisa. Não houve um minuto sequer que minha avó Ana, minha mãe Flávia, meus tios Joana e João e minha irmã Sophia, e meu pai Enderson, não se fizeram presentes nessa caminhada. Sem eles nada seria possível hoje.

Além deles, há um espírito de luz que me guia e me protege, e sem ele eu também não teria conseguido seguir: ao meu tio Allan, que não se encontra mais no plano físico, mas está presente em todas as horas, minutos e segundos do meu dia em meus pensamentos. Meus sinceros agradecimentos. O meu amor por ti vai além do que a ciência pode explicar.

Em seguida, obrigada à professora doutora Daniela Castro dos Reis, a minha orientadora, a qual topou essa aventura e seguiu de mãos dadas comigo até o fim, junto do professor doutor Edson Cruz, o qual me acompanha desde o quinto semestre da graduação. Vocês são demais. Obrigada por todo ensinamento e conhecimento que me foram repassados.

Além destes, gostaria de agradecer a minha psicóloga Steh, a qual segurou a barra em todos os nossos atendimentos. Ao me ver chorar, me acolheu e ao me ver feliz, compartilhou comigo destes momentos ímpares. Obrigada, Steh. A minha saúde mental te agradece genuinamente. As minhas companheiras de percurso Laura, Ellana, Daniela Baldez, Vivian e Maíra: o que nós construímos nesses dois anos se chama parceria e tudo o que foi feito em prol do nosso bem estar foi algo único e verdadeiro.

Obrigada,

As minhas voluntárias e amigas Giselle e Ana, não há palavras que possam expressar a minha gratidão por tudo o que foi feito, desde ir a coleta de dados comigo, a me ouvir, me acolher e me abrigar em abraços calorosos e cheios de empatia. Gostaria também de agradecer as minhas duas companheiras de quatro patas: minhas gatas Nina e Naomi, que em diversos momentos me fizeram rir com as brincadeiras, e se deitaram ao meu lado na cama nos momentos de choro.

A todos que se fizeram presentes nessa caminhada, seja de forma direta ou indireta, com palavras ou atos de amor: obrigada, cada um de vocês foram importantes para a realização desta conquista.

SUMÁRIO

Apresentação	11
Violência e o Desenvolvimento Humano	13
Violência Doméstica Contra a Mulher	17
Autores de Violência Doméstica	25
Personalidade	30
Tendência a Agressividade e a Personalidade	41
Objetivos	47
Método	48
Delineamento	48
Participantes	48
Contexto	49
Instrumentos e Materiais	49
Procedimento de Coleta	52
Procedimento de Análise	54
Resultados e Discussão	61
Considerações Finais	91
Referências	99
Anexos	134

Apresentação

Nas últimas décadas do século XXI, a violência doméstica passou a ser percebida como um problema social, e não como um assunto individual, tendo o reconhecimento enquanto objeto de estudo relevante para que instâncias dos entes estaduais, federais, municipais, assim como o Sistema de Garantia de Direitos pudessem criar e implementar diversas políticas públicas, bem como para criar estratégias de cuidado à saúde das vítimas (Lourenço & Carvalho, 2001).

A partir dos anos 60, no campo da medicina, por meio de casos de crianças maltratadas pelos seus cuidadores, autores como Figueiredo (1998) e De Almeida, André & Almeida (1999) consideraram o ponto de partida para a construção da problemática da violência doméstica, principalmente como objeto de estudo e problema social e de saúde pública. Assim, a violência doméstica pode ser entendida pela sua dimensão universal, a qual atravessa diversas fronteiras, cultural, econômica, religiosa e de gênero, de modo a afetar indivíduos nos mais diferentes níveis, psicológico, cognitivo, físico, social e econômico (Lourenço & Carvalho, 2001).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), a violência doméstica é caracterizada como qualquer ato violento que possa resultar em danos físicos, sexuais, patrimoniais e mentais para a mulher. Tal violência é caracterizada, conforme o artigo 5º da lei número 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), como qualquer ato ou ação baseado no gênero da vítima, que venha causar sofrimento sexual, psicológico, físico, dano moral ou patrimonial e que possa levar a vítima a óbito, no ambiente domiciliar, de modo a ser perpetrada por pessoas com ou sem laços consanguíneos com a vítima. Sendo assim, parece ser um fenômeno presente em todas

as sociedades caracterizado como um problema de saúde pública global de causa multifatorial, que sofre influências de fatores biológicos, sociais, culturais e relacionais (Scott & Oliveira, 2021).

Estudos internacionais (Green & Browne, 2019) sinalizam que as investigações sobre esta temática têm crescido e as evidências sobre as consequências negativas proliferadas por este fenômeno, como o estresse pós-traumático, especialmente após 2005, quando a OMS publicou importante estudo de prevalência deste tipo de violência (Scott & Oliveira, 2021). Parece haver uma escassez de estudos, tanto no âmbito internacional quanto no nacional, quando se relacionam as características de autores de agressão (Scott & Oliveira, 2021).

Nesta direção, o Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV) foca-se há mais de 12 anos em estudar os autores de agressão. Este grupo faz parte do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), o qual é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Assim, por meio do LED, e por iniciativa da autora desta dissertação procurou-se a priori tentar entender os aspectos que permeiam os comportamentos violentos de autores de violência doméstica.

Para compreensão do fenômeno estudado suscitou a problemática: os traços de personalidade podem estar correlacionados às tendências de agressão? Desta forma, para responder tal problema, o objetivo desta dissertação foi identificar e correlacionar traços de personalidade com tendências agressivas de autores de violência doméstica. Diante deste cenário, esta dissertação é composta pela introdução com abarca os principais estudos sobre a temática, pelo método de pesquisa demonstrando os

percursos da pesquisa, pelo resultado e discussão tentando responder à pergunta de pesquisa e suscitar novos questionamentos e as considerações finais que ajudam a pensar em novas pesquisas e revela as limitações e percalços para que se propõe em realizar pesquisas com esta população.

Violência e o Desenvolvimento Humano

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência é caracterizada pelo comportamento ou ação que vem a causar danos físicos ou emocionais a terceiros, a qual pode se manifestar de diversas formas, como violência física e psicológica (OMS, 2002). A violência está presente como componente histórico de todas as sociedades, (Bernaski & Sochodolak, 2018) e tal aspecto pode ser percebido em diversas culturas, em distintos contextos por meio das relações de poder, papéis e atividades ditas violentas (Sacramento & Resende, 2006).

O processo contínuo de crescimento, aprendizagem e mudança ao longo da vida de um indivíduo é denominado de desenvolvimento humano e envolve vários aspectos, como físico, psico emocional, cognitivo e social. Neste processo, os indivíduos buscam aprimorar suas habilidades e competências, ampliar seu conhecimento e fortalecer suas relações interpessoais (Papalia & Feldman, 2013; Barreto *et al.*, 2008). Pode-se dizer que a violência é um fenômeno presente na história humana e é manifestada conforme o contexto e cultura em que o indivíduo está inserido (Lorenz, 1995). Nas sociedades primitivas a violência manifestada por meio dos rituais de sacrifício para servir aos Deuses e alcançar pedidos, como fartura na colheita (Girard, 1990) ou ainda como forma de garantia alimentação ou território (lutas entre grupos).

Na idade média, os senhores feudais e o clero se utilizavam da violência para controlar e organizar os camponeses, vassallos e servos (Elias, 1994). No estado absolutista, a violência era celebrada por meio de rituais denominados de suplício, no qual cerimônias sanguinárias eram realizadas como forma de espetáculo, para controlar a desordem da população, a qual assistia com medo pessoas sendo torturadas em público (Foucault, 1987). Nas sociedades modernas e contemporâneas, o acúmulo de capital individual, o desenvolvimento tecnológico e a concentração industrial, foram um dos fatores que agravaram as desigualdades sociais, de modo a gerar um aumento nos atos violentos, como roubos, furtos e latrocínios (Adorno, 2002). No Brasil, a violência estabeleceu-se como produto da colonização e da política expansionista de Portugal (Vieira, 2009).

A dominação dos portugueses sob os povos ameríndios, como a imposição da religião católica, ocorreu de forma desumana, de modo a ocasionar a apropriação ilegal das terras indígenas (Bernaski & Sochodolak, 2018). Em seguida, durante o período de escravidão, cerca de quatro milhões de africanos foram trazidos a força para o Brasil (IBGE, 2000) e mantidos como escravos por meio da coerção e da violência, de modo a extinguir a vida desses de maneira violenta (Sacramento & Resende, 2006). Do período de colonização, até o surgimento da república, a história do Brasil é marcada pela utilização demasiada de violência como meio de dominação, ordem e progresso (Hansen, 2001). E as desigualdades existentes atualmente no país, são produtos da política imposta pelas elites, que em toda a história do Brasil, excluiu e culpou as minorias das mazelas existentes nos diversos períodos de desenvolvimento (Sacramento & Resende, 2006). Para Minayo (2006), esse fenômeno é denominado de

violência estrutural, a qual é responsável pela manutenção de problemáticas, como desigualdades sociais, fome e miséria. Diante deste cenário é possível perceber que a violência está presente nos diversos momentos históricos, que parece ser uma forma de expressão da sociedade humana, no entanto, avassaladora. As sociedades que aceitam a violência como forma de manter o poder é entendida na idade contemporânea como uma sociedade doentia e perversa. Assim, em pleno século XXI, diversas sociedades e organizações governamentais e não governamentais e organismos internacionais lutam para minimizar ou exterminar esse tipo de expressão humana tão maligna e devastadora.

A violência é entendida como um fenômeno de saúde pública, identificado em todas as sociedades e caracterizada por múltiplos determinantes. Sua prática provoca danos físicos, psicológicos e sociais em todos os envolvidos, seja na família, na vítima ou em quem a praticou (Sacramento & Rezende, 2006). A violência também é caracterizada por questões de cunho biológico (Lorenz, 1995; Soeiro e Gonçalves, 2010), uma vez que a origem da violência estaria ancorada em termos filogenéticos da espécie, de maneira inata ao ser humano (agressividade), e se expressaria em determinadas situações (sociais) manifestada por padrões de violência. No entanto, ressalta-se que apesar dos aspectos filogenéticos, não se trata aqui de aspectos determinantes do comportamento, apesar de ser a agressividade um traço filogenético.

Para além do conceito de violência, faz-se necessário analisar os contextos no qual se manifesta, o que revela ser a violência um comportamento que ocorre nas relações interpessoais. Assim, a violência pode ser observada no contexto familiar e suas consequências envolvem uma série de atos que geram subjugação por meio do

uso de força revelando relações de poder assimétricas existentes entre os indivíduos (Green & Browne, 2019). É no contexto familiar que questões, como relações afetivas e modelos de relacionamento, são ensinadas para os indivíduos, principalmente durante a infância (Baião, Herênio & Carvalho, 2022).

Quando exposto a relações de respeito, empatia e acolhimento, o ser humano tende a desenvolver de forma saudável a autoestima, a confiança, uma comunicação assertiva e tende a desenvolver habilidades cognitivas referentes a tomada de decisão e estratégias de enfrentamento (Baião, Herênio & Carvalho, 2022). Portanto, quando uma criança é exposta a longos períodos a um ambiente familiar violento, a tendência é que, não somente as relações e os modelos serão afetados, outros contextos sofrerão impactos, de modo que, a utilização da violência pode se dar como estratégia de resolução de conflitos (Abranches & Assis, 2011; Réis, Prata & Parra, 2018).

No estudo realizado por Heise (1998), constatou-se que, hábitos e condutas violentas advindas de gerações anteriores de uma família, podem ser repassados para gerações futuras. Em outro estudo, realizado por Bandura (1978), pode-se afirmar que, famílias que utilizam de práticas violentas como solução viável de problemas, aumentam em duas vezes a probabilidade de ter descendentes autores de violência quando atingirem a idade adulta (Kwong *et al.*, 2003; Soeiro & Gonçalves, 2010).

Além do exposto, em um estudo feito por Hou, Cerulli, Wittink, Caine, Thompson- Stone e Qiu (2022) identificou que características sociodemográficas podem ser preditoras de episódios de violência e agressão em uma relação íntima, dentro do ambiente familiar: a diferença de idade entre os cônjuges, baixa

escolaridade do cônjuge e a baixa condição socioeconômica da família. Pode-se dizer que a ausência de uma dinâmica familiar que garanta acolhimento e suporte afetivo, torna-se motivador para que os indivíduos não sejam adeptos às normas e leis, de modo a cometer delitos, como violência e homicídios (Formiga, 2013).

De maneira geral pode-se dizer que a violência interpessoal parece estar atrelada às relações íntimas e envolvem membros familiares, como pai, mãe, irmãos e cônjuge. Assim, a violência se configura no contexto das relações íntimas e interpessoais sendo responsável por uma série de agravos à saúde dos indivíduos (Passos, 2010; Arendt, 1988; Minayo, 2004). Para entender a violência é necessário que se compreenda os tipos de violência.

De acordo com o artigo 7º da lei número 11.340 de 2006, da Constituição Federal (Brasil, 2006), existem cinco tipos de violência: física (danos à integridade corporal), psicológica (danos emocionais, como diminuição da autoestima), sexual (manter a vítima em uma relação sexual não consentida), patrimonial (danos a bens materiais) e moral (calúnia, difamação ou injúria).

Para além das violências citadas, há também a violência doméstica, a qual define-se como ato ou omissão que cause qualquer tipo de sofrimento a vítima (psicológico, físico, moral, patrimonial ou sexual) no âmbito domiciliar, perpetrada por indivíduos com ou sem vínculo consanguíneo, porém que apresentam interação diária com a vítima (Miura *et al.*, 2018).

Violência Doméstica Contra a Mulher

Diante dos dados alarmantes e dos casos de violência doméstica, ela passou a ser discutida a partir do processo de redemocratização nos primeiros anos da década

de 1980 quando os direitos civis começaram a ser reconhecidos pelo Brasil e referendado internacionalmente. Tais direitos se opunham aos crimes que ocorriam em espaços privados (casa da vítima) e por pessoas conhecidas da vítima (companheiros, familiares). Tais crimes passaram a ser reconhecidos como violentos quanto os crimes que ocorriam em espaços públicos e por desconhecidos. Apesar da luta há ainda uma longa trilha para se garantir a efetividade dos direitos conquistados (Santos *et. al*, 2018).

De acordo com Curia *et al* (2020), nessa época (década de 80), grupos de apoio foram criados para dar visibilidade aos crimes domésticos bem como para pressionar o Estado na criação de políticas públicas de proteção às vítimas. (Sacramento & Resende, 2006). O combate à violência doméstica começa a ganhar força no Brasil a partir da redemocratização do estado e tem se intensificado por diversas lutas de garantia de direitos civis. Apesar da luta, ainda há uma longa trilha para se garantir a efetividade dos direitos conquistados.

O resultado das lutas civis pelo direito foi a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em 1983, bem como o surgimento da primeira Delegacia de Defesa da Mulher, em 1985 (Silveira, Nardi & Spindler, 2014). Além disso, a violência contra mulher passou a ser pauta importante para o movimento feminista, de modo a conseguir reunir pesquisadores para produzir estudos científicos acerca da violência (Ribeiro, 2010).

O termo “violência doméstica contra mulher” foi denominado pelo movimento feminista há mais de 20 anos, e o denomina como sofrimentos e agressões dirigidos exclusivamente às mulheres pelo fato de serem mulheres (Sacramento & Resende,

2006). Este mesmo movimento deu visibilidade às diversas formas de violência que ocorriam contra as mulheres, de modo a contribuir para que este fenômeno fosse tratado como um problema social e de saúde pública, no qual o Estado tem o dever de garantir a promoção, proteção e atendimento às vítimas (Curia *et al*, 2020).

Em 1995, o Brasil tornou-se signatário do documento que se tornou referência no combate à violência contra mulher, derivado da convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, que ocorreu na cidade de Belém do Pará, no ano de 1994 (Curia *et al*, 2020). No entanto, foi somente em 2001 que o país passou a cumprir o que o projeto estabelecia, sobretudo pressionado pela pressão em ter sido tolerante e omissa a violência que ocorreu com uma mulher chamada Maria da Penha Fernandes (Bandeira & Almeida, 2015).

O projeto no qual o Brasil é signatário, estabelece que a mulher vítima de violência tem direito legal à proteção e defesa, bem como determina que o autor da violência seja investigado e julgado pelo sistema de justiça do país (Curia *et al*, 2020). E foi exatamente o que não ocorreu no caso de Maria da Penha (Bandeira & Almeida, 2015), a qual foi vítima de dupla tentativa de homicídio por parte de seu ex-marido, em 1983 (Penha, 2012).

Diante da gravidade da violência que Maria da Penha sofreu, ficou estabelecido como violência de gênero, ou seja, a violência que ocorre em detrimento do gênero da vítima (Curia *et al*, 2020). Portanto, a partir deste momento, a violência contra mulher não poderia mais ser desvinculada a violência de gênero, a qual é resultado de desigualdades social, política e econômica, bem como reflexo de uma cultura sexista, racista e machista (Varisco-Lazzari, Pinhal de Carlos & Accorssi,

2020).

O histórico de patriarcado na história das sociedades, as mulheres são as principais vítimas de violência interpessoal em contexto domiciliar, de modo que punições e assassinatos foram cometidos com a justificativa de legítima defesa da honra do homem, permitido por lei (Fernandez, Ramos & Pereira, 2021). Essa violência ganhou destaque nos estudos de Samuels e Masson (2019), os quais exploraram a influência das normas sociais na persistência da violência contra mulheres e meninas em Bangladesh.

Ainda no estudo de Samuel e Masson (2019) constataram que mesmo tendo direitos garantidos por leis, as mulheres não conseguem exercê-los, pois são sociedades com sistemas mistos de leis governamentais e religiosas (como Bangladesh). Observa-se que características biopsicossociais como classe social e o nível instrucional não são fatores de proteção à vítima (Green & Browne, 2020). Além disso, apesar de haver uma crescente aceitação e tolerância e, até mesmo, um movimento de afrouxamento das normas de gênero mais conservadoras e rígidas (Samuels & Masson, 2019). Desta forma os homens continuam a manter um poder de controle sobre as mulheres reproduzindo uma cultura patriarcal que prejudica a saúde das mulheres, levando ao feminicídio conforme estudo realizado considerando os últimos 10 anos de pesquisa sobre o assunto (Viana e Costa, 2024).

Em comunidades tradicionais, como Punjab, no Paquistão, a violência doméstica é historicamente cultuada na sociedade, de modo que a mulher é vista como delicada mentalmente, permitindo ao homem submetê-las a violências conjugais, como não permitir o divórcio e mantê-las subordinadas aos trabalhos do ambiente

doméstico e aos desejos do marido (Sattar, Ahmad & Asim, 2022).

Nessa conjuntura parece ser o patriarcado associado ao machismo e as desigualdades sociais e econômicas que contribuem sobretudo para que a violência doméstica seja ainda entendida como uma prática aceita pela maioria das sociedades, ainda no século XXI.

Tal aspecto pode ser observado no Brasil, em 2019, em que a violência atingiu 29,1 milhões de pessoas, as quais sofreram violência física, psicológica ou sexual (Instituto Nacional de Geografia e Estatística [IBGE], 2020). Já em um período mais recente, em 2022, têm-se registros de uma estabilidade dos casos violência de 2019 até 2022, sendo citado pelo instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2023) um número de mais de 40.000 homicídios no Brasil.

Mais especificamente, a violência por agressão física contra mulher foi 36,7% dos mais de 140.000 casos registrados e o contexto mais comum foi o ambiente doméstico, cometido por familiares, parceiros e ex-parceiros românticos (Ipea, 2023). Dessa forma, apesar da violência se expressar dentro dos gêneros masculinos e femininos, é possível perceber que o fenômeno se apresenta com nuances diferenciadas em relação à vítima ao se identificar como homem ou mulher.

Entre os homens, os atos violentos encontram sua origem fora do seu círculo de convívio familiar e da sua casa, isto é, quando indivíduos homens são vítimas de violência, o autor dessa ação são pessoas desconhecidas ou que não partilham de laços familiares com a vítima e/ou não residem juntos. No entanto, considerando o gênero feminino, percebe-se que os companheiros, ex-companheiros e familiares são aqueles que mais perpetram atos violentos contra mulheres, sendo, portanto, pessoas com

quem essa mulher apresenta vínculo afetivo e, na maioria das vezes, reside na mesma casa (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020).

Entre os atos perpetrados contra as vítimas do gênero feminino estão: os empurrões (67%), ser segurada com força (4%) e ser atingida por um objeto com intenção de machucar (57,5%) apareceram como as principais práticas de violência física. Além disso, entre as mulheres, levar um tapa no rosto apareceu em primeiro lugar com 47,5%, e entre os homens, 37,5%, afirmam os dados da Pesquisa Nacional da Saúde (2019). No que diz respeito a violência sexual, aproximadamente 6% da população brasileira (1,2 milhões) já sofreu algum abuso. Dentre os tipos de violência sexual, 79,7% das vítimas afirmaram que foram tocadas, beijadas e tiveram partes do corpo expostas sem consentimento (Ipea, 2023).

Ainda de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (2019), em se tratando das consequências de violências sofridas, 60,2% das vítimas alegaram ter tido sequelas psicológicas, como ansiedade, e 19,4% alegou ter tido consequências físicas, com cicatrizes e queimaduras pelo corpo. Dentre as mulheres, 16,9% procuraram atendimento de saúde e, e entre os homens, essa taxa caiu para 13,2%. Em relação à cor, raça ou etnia, 17,5% das pessoas brancas procuraram atendimento, 14,8% das pardas e 13,4% das negras.

A violência doméstica contra mulher não afeta somente a vítima, mas também as famílias envolvidas e a sociedade, entre os agentes envolvidos encontra-se o autor da violência, (Jung & Campos, 2019). No que diz respeito às vítimas, danos psicológicos, como ansiedade e depressão, são comuns após as agressões. No que tange às famílias, o abalo emocional e financeiro, e a ruptura do convívio familiar são

questões encontradas na relação em que a violência é praticada (Zart & Scortegagna, 2015). Há consequências para os filhos dos envolvidos na violência sofrida ou praticada, pois eles presenciam cenas de violência contra sua genitora, de modo a desencadear psicopatologias, como ansiedade, bem como na repetição dos atos violentos em outros locais além do ambiente familiar, como na escola (Zart & Scortegagna, 2015).

Para a sociedade é afetada uma vez que há um impacto econômico e na saúde para arcar com a violência que ocorre, bem como ocorre prejuízos para a promoção de igualdade de gênero, de modo que esses casos tendem a se repetir (Jung & Campos, 2019). Em um estudo feito na Turquia por Basar e Demirci (2018) com 1.481 mulheres com mais de 18 anos, constatou que 41% das entrevistadas sofreram violência doméstica, e destas, 89,2% alegaram ter sofrido violência por parte de seus cônjuges.

Para os autores de violência doméstica, a violência também gera impactos: quando comparados com homens que não cometeram violência doméstica, os autores de violência apresentaram-se como mais ansiosos, depressivos, com dificuldade em controlar suas emoções, principalmente a raiva, e demonstram ser mais hostis e frios, e com déficit de habilidades sociais (Caldeira, 2012). Para além das consequências legais, como privação de liberdade, processo jurídico e cumprimento de medidas protetivas (Norlander & Eckhardt, 2005).

No que diz respeito ao Brasil, no período de 1 a 25 de março de 2020, houve o aumento de 18% nas denúncias de violência doméstica (Souza & Faria, 2022). Em um estudo feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2020 houve um aumento

de 22% na média nacional de taxa de feminicídio em comparação com o ano de 2019 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP], 2020). Uma das justificativas do aumento é o período pandêmico, o qual obrigou muitas mulheres a se manter em casa com o parceiro autor de violência, dificultando a denúncia e até mesmo a saída para outros lugares, segundo dados do IPEA (2023). No Brasil (2020), uma a cada cinco mulheres (independente de fatores como escolaridade e idade), já foi agredida pelo companheiro ou ex-companheiro (Viana *et al*, 2018; Souza e Farias; 2022).

No que diz respeito às características das vítimas, em um estudo feito com 401 notificações de violência contra mulher, Viana *et. al* (2018) identificaram que 63% das notificações eram de mulheres negras ou pardas, 39% tinham menos de nove anos de estudos, 36% eram desempregadas ou sem atividades remuneradas e 46,9% tinham idade entre 20 e 39 anos. Em relação ao local, 46% das violações de direito ocorreram na residência da vítima e em 17% dos casos, a violência se repetiu. Em relação ao vínculo com o autor de violência com a vítima, 63% eram cônjuges ou namorados e 9% eram ex-companheiros, os demais (25%) eram familiares, amigos ou conhecidos, afirmam (Viana *et. al* 2018).

Estima-se que, uma a cada cinco mulheres vítimas de violência não recorreram a alguma rede de apoio pública bem como não acionaram os órgãos especializados para denunciar o autor da agressão, afirma uma pesquisa feita pelo Senado Federal, denominada Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher (2015). De acordo com o Mapa da Violência do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), o Brasil atingiu a taxa de mais de 50 mil assassinatos de mulheres em 2019.

De 2018 a 2019, houve um aumento de 6,1% de feminicídios que ocorreram

na residência da vítima e uma redução de 28,1% de assassinatos cometidos fora da residência da mulher, afirma o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019). Os dados revelam ser a residência da vítima o local mais violento e as características das vítimas semelhante ao encontrado nas pesquisas de Barros *et al* (2016), as quais são mulheres mais novas que os cônjuges, com média de idade de 33 anos e baixa escolaridade.

Diante deste cenário, estudar os aspectos que circundam o fenômeno da violência doméstica é uma das estratégias que pode contribuir para a minimização desta violência. Para isso, uma das estratégias propostas é analisar os autores de violência doméstica com o intuito de entender as características biopsicológicas dos perpetradores. Para Saffioti (2004) é de suma importância estudar os dois lados envolvidos na violência, uma vez que desse modo, mudanças mais significativas podem ser operadas para melhor desenvolver estratégias de enfrentamento e combate. Assim, estudar para se compreender que é necessário prevenir a violência de gênero, sobretudo envolvendo os homens (Nothaft & Beiras, 2019).

De maneira geral pode-se sinalizar que a violência doméstica se encontra alicerçada na sociedade contemporânea, a partir de diversas tipologias que envolve a violência interpessoal e atinge, em proporções desiguais, todos os envolvidos, sobretudo o contexto familiar. No caso desta dissertação a ênfase será alocada aos autores de violência doméstica.

Autores de Violência Doméstica

É importante ressaltar que, mesmo após 18 anos da implementação da Lei Maria da Penha, o número de casos de violência contra mulher segue elevado, de

modo que, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020), uma mulher é agredida fisicamente a cada dois minutos e a cada duas horas, têm-se um feminicídio no Brasil. Esses dados levam a crer que a punição prevista por lei não é suficiente para combater e diminuir esse tipo de violência, de modo a tornar inegável a importância dos estudos sobre esta temática (Gedratet al., 2020; Souza e Silva et al., 2019).

Os principais estudos na área sobre violência doméstica são realizados com as vítimas de violência e não com os autores, de modo a limitar o estudo dos homens autores que cometem violência, bem como o entendimento do fenômeno da violência em si (Silva, Coelho e Moretti-Pires, 2014). Além disso, estudos a respeito do funcionamento psicológico e do comportamento dos autores de violência também são escassos (Stenzel, 2019). Para estudar a violência doméstica contra mulher é necessário englobar aspectos individuais, familiares e socioculturais dos autores de violência, afirmam Curia *et al* (2020), e só assim pode-se entender e discutir os motivos que levam estes homens a cometerem tal crime.

Em um estudo desenvolvido na China, constatou-se que a violência doméstica, na maioria dos casos, é tratada como assunto familiar, parece ser um problema fora do alcance e do domínio das leis, de modo que a conscientização e as estratégias de intervenção são escassas (Su *et al.*, 2022). Ademais, a cultura milenar do país auxilia para que os autores de violência continuem repetindo esses comportamentos com a justificativa de manutenção do lar, de modo a suavizar um problema de saúde pública grave (Su *et al.*, 2022).

Em outro estudo, realizado em seis nações Árabes (Arábia Saudita, Bahrein, Kuwait, Omã, Catar e Emirados Árabes), também foi constatado que os autores de

violência são tratados como homens preocupados com a família e não como violadores de direitos humanos (Kiyumi, 2023). As mulheres entrevistadas relataram sofrer diferentes tipos de violência de seus parceiros íntimos, como violência física, sexual e psicológica. Os pesquisadores ainda enfatizam que é necessário maiores pesquisas acerca dos autores de violência, pois os comportamentos violentos e controladores são facilmente confundidos como demonstração de afeto e função ou papel do homem em casa, nas relações e na sociedade (Kiyumi *et al*, 2023).

Em relação às características biopsicossociais dos autores de violência, é preciso que fatores biológicos, sociais e psicológicos, sejam estudados para que se possa entender suas características e traçar parâmetros para ações especializadas (Kadiani *et al*, 2020). No que diz respeito aos fatores biológicos há indícios de comprometimento neurológico, como anormalidades no córtex pré-frontal e occipital, hipocampo, tálamo e amígdala (derivados de lesões e/ou dependência de álcool), encontrados nos autores de violência, podem estar associados ao cometimento do crime (Romero-Martínez & Moya-Albiol, 2013).

Um estudo realizado com 50 autores de violência doméstica do município de Chinchwad, na Índia, constatou que desses, 48 relataram ser usuário de álcool e 47 de tabaco. Ademais, dos usuários de álcool, 40% são dependentes a pelo menos 10 anos, e destes, 23% se encaixam nos critérios de uso abusivo (Kadiani *et al*, 2020). Esses dados estão relacionados com os danos neuropsicológicos encontrados nos estudos de Martínez e Albiol (2013), em que autores de violência apresentaram déficits nas funções executivas, memória, atenção e empatia, decorrente do uso abusivo de álcool e outras drogas.

No que tange às características sociais dos autores de violência doméstica, uma pesquisa realizada com 130 autores de violência doméstica, prevaleceram homens entre 20 e 29 anos (45,4%), e 98 (76%) estavam em união estável ou casados. Em relação à escolaridade, 117 eram alfabetizados, porém 93 tinham apenas o ensino fundamental completo e somente cinco homens tinham ensino superior completo. Dos 130 participantes, 106 exerciam atividades remuneradas e 39 tinham histórico policial. Destes, 24 foram presos devido violência doméstica, quatro por furto, três por homicídio, três por tráfico de drogas e cinco referentes a porte ilegal de armas, embriaguez, ameaças e por receptação (Madureira *et al*, 2014).

Os estudos longitudinais foram feitos por Bucher-Maluschke (2004), Carvalho-Barreto, Vidal & Bucher-Maluschke (2004), Dutton e Golland (1997), Kwong *et al*. (2003), Renner e Slac (2004) corroboram o fato de que homens autores de violência de gênero apresentaram experiências adversas na infância, como abusos físicos e sexuais. A pesquisa de Vianna *et al* (2018) também identificou o gênero dos autores: 67% eram homens, 9% eram mulheres e em 9% havia mais de um autor de violência. No que diz respeito os tipos de violência, 99% das vítimas sofreram violência física, 40% violência psicológica e 4% violência sexual. Em 171 casos (42,62%), houve mais de um tipo de violência.

A respeito da motivação da violência, estudos evidenciam que, os autores de violência entendem que seu comportamento violento é motivado pelo comportamento da companheira, e quando atribuem a culpa a si, alegam uso excessivo de álcool ou problemas financeiros na família (Moraes & Ribeiro, 2012; Rosa *et al*. 2008).

Em relação às características psicológicas, em um estudo feito por Stenzel

(2019), com três autores de violência de doméstica, constatou-se que, um dos autores apresentou vulnerabilidade em lidar com situações novas, de modo que recebia mais estímulos desconfortáveis do que seu sistema neurológico era capaz de processar, como a integração sensorial (sistema responsável por processar os sentidos) levando a emissão de comportamentos desajustados e que não condiz com as exigências reais das situações, como comportamentos impulsivos.

Em outro participante no estudo de Stenzel (2019) foi percebido dificuldades nas áreas de atenção, concentração e perseverança diante de situações novas, bem como prejuízos nas capacidades de autocontrole devido ao estresse crônico que é vivenciado pelo autor de violência. O terceiro participante da pesquisa apresentou um nível adequado de tolerância para lidar com situações do dia a dia, porém, em ocasiões de estresse prolongado, intenso e inesperado, fracassou em relação a sua capacidade de autocontrole. Pode-se compreender que as situações de estresse não são bem gerenciadas pelos autores de violência, de modo a gerar acúmulo de tensão e consequentemente, comportamentos impulsivos, como a violência contra a mulher (Stenzel, 2019).

Além deste aspecto, no estudo desenvolvido por Romero-Martínez e Moya-Albiol (2013) identificou déficits de atenção, na memória, no quociente de inteligência (QI), bem como prejuízos na empatia, rigidez mental, baixos níveis de habilidades verbais e dificuldades no raciocínio abstrato em autores de violência doméstica da Espanha. Dentre as diversas características psicológicas dos autores de violência doméstica, destaca-se a personalidade, pois é uma das variáveis que podem afetar e manter o comportamento violento de autores de violência doméstica (Sisto &

Oliveira, 2007; Cataldo *et al.*, 2019).

Estudos referentes ao entendimento do funcionamento psicológico e do comportamento do autor de violência ainda são escassos (tanto no âmbito nacional, quanto internacional). Em buscas realizadas nas principais bases de dados Scielo, Pepsic, e Biblioteca Virtual da Saúde, encontrou-se poucos estudos comparado com outras pesquisas de populações masculina, com o foco nos autores de violência doméstica, e ao especificar as buscas com as características de personalidade, evidenciou-se uma escassez ainda maior de pesquisas com essa população, o que sinaliza também necessidade de estudos nessa área (Stenzel, 2019).

Personalidade

A personalidade pode ser entendida como a junção de traços característicos de um indivíduo desenvolvida ao longo do desenvolvimento humano por diversos fatores, como genéticos, culturais, ambientais, educacionais e pelas interações sociais (Wainer, 2016). Segundo Pervin e John (2004), a personalidade é um conceito da psicologia que estuda o ser humano em sua totalidade e complexidade e é considerada como um dos construtos que pode influenciar no desenvolvimento de comportamentos violentos. Em um estudo feito por Monahan, Stenberg e Cauffman (2009) em casos de reincidência criminal, aspectos como falta de autocontrole, dificuldade em suprimir agressividade e déficit de habilidades sociais têm se destacado entre homens que cometeram algum delito.

Para Stenzel (2019), estudar a personalidade significa observar, compreender e prever comportamentos dos indivíduos. Silva e Nakano (2011) também compartilham da mesma ideia de Stenzel, ao afirmarem que a personalidade pode resumir, explicar e

prever condutas de indivíduos, de modo a indicar possíveis explicações para determinados tipos de comportamento da pessoa. Logo, diante do exposto, estudar a personalidade pode ser um dos indicadores que pode levar indivíduos ao cometimento da violência contra mulher.

Ao se falar no construto de personalidade deve-se pensar nos traços de personalidade, que constituem características singulares de cada indivíduo. Ao longo do tempo, no processo de desenvolvimento humano, os indivíduos (traços de personalidade) podem desempenhar importante papel para enfrentar situações aversivas, bem como auxiliar na reação do indivíduo diante dessas situações (Gárriz *et al.*, 2015; Gazzaniga & Heatherton, 2005). Por exemplo, diante de situações sociais, há quem se apresente de forma introvertida e há quem se expresse de maneira mais extrovertida (Feist, Feist & Roberts, 2015).

Os psicólogos ainda diferem entre si sobre a definição de personalidade, uma vez que desenvolveram diversas teorias baseadas em pontos de referência diferentes entre si (Feist, Feist & Roberts, 2015), como será exposto nos parágrafos a seguir. Estes estudiosos, em suas teorias, envolvem aspectos biológicos, psicossociais, culturais e até mesmo histórico de contingências de reforçamento e punição e processos mentais (Fuentes-Hurtado *et al.* 2018).

Mesmo que haja uma inconformidade no conceito de personalidade, existe um consenso de que, ao se falar de personalidade, não se está retratando um conceito imutável, sem relação com o meio no qual o indivíduo está inserido (Fuentes *et al.* 2018). A personalidade refere-se a traços relativamente consistentes e a características singulares do indivíduo (Mroczek & Spiro, 2005). A personalidade é uma relação

contínua entre ambiente e organismo, a qual envolve fatores biológicos e ambientais (Santos *et al.*, 2020).

Para McCrae (2009) a personalidade é definida por meio de padrões e traços repetitivos e duradouros de sentimentos, ações e pensamentos que o indivíduo apresenta. Para Fuentes, Tavares, Camargo e Gorenstein (2000) a personalidade resulta do processo dinâmico e contínuo de combinar características individuais e do ambiente, de modo a determinar a qualidade da interação entre o indivíduo e o meio no qual está inserido, e vice e versa. Para Horstmann e Ziegler (2020), personalidade é a combinação de elementos que possuem uma única componente estável e diversos aspetos variáveis que flutuam ao longo do tempo.

Para Cattell & Klein (1975) a personalidade é aquilo que o homem fará em uma dada situação. Para DeYoung (2010) a personalidade se define por meio de características coerentes ao longo do tempo que influenciam o comportamento, a cognição e os desejos. Pervin e John (2004) afirmam que ela é a representação de características, as quais justificam padrões de sentimentos, comportamentos e pensamentos. Os traços de personalidades se configuram com padrões repetitivos e duradouros, os quais se expressam na forma de agir, pensar e sentir dos indivíduos. Em contrapartida, ainda que concordem que são traços duradouros, também se acredita que estes são mutáveis, passíveis de mudança, de modo a sofrer influência do meio, de aspectos sentimentais, comportamentais e atitudinais (Costa & McCrae, 1998; Sisto & Oliveira, 2007).

Na década de 1930, Thurstone (1934) inspirou-se no trabalho de McDougall, e por meio de verificações empíricas, constatou a viabilidade do modelo da

personalidade definida por traços. Porém, alguns anos depois, com Fiske (1949), Tupes e Kaplan(1961), Christal (1962), Borgatta (1964), Norman (1967), Smith (1967), Goldberg (1981) e McCrae e Costa (1997), houve publicações de pesquisa, por meio de análise fatorial e estatística, que corroboraram a existência de grandes traços de personalidades.

Diante de diversas teorias para explicar a personalidade, será utilizada a definição da Teoria dos Cinco Grande Fatores (CGF), proposta por Goldberg (1992), a qual permite uma avaliação quantitativa de traços de personalidade que descreve, de modo estável e adequado, às dimensões básicas da personalidade (Bergner, 2020). Tal modelo abrange de forma moderna as teorias de traços de personalidade fornecidas pelos modelos fatoriais, uma vez que simplifica a descrição de características ou traços (Lucas, Diener e Suh, 1996; Robles-Granda et. al., 2020) e apresenta consistência para a compreensão da personalidade (McCrae, 2009; McCrae et al, 2008; Funder, 2016).

McCrae e Costa (1997) e Robles-Granda et al., (2020) afirmam que o CGF é consistente, pois identificaram a universalidade dos traços de personalidade em diferentes culturas, como Japão, Alemanha, China, Estados Unidos e Portugal (Nunes & Hutz, 2002; Funder, 2016). De modo a se configurar como um referencial, os aspectos dessa teoria são fortalecidos por meio da qualidade dos ajustes dos modelos de investigação propostos pelos diversos estudos (Passos & Laros, 2014; Robles-Granda et al., 2020).

Segundo McAdams (1992) e Bergner (2020) a existência de cinco fatores (e não seis ou dez), diz respeito às principais informações que se tem interesse em saber

quando se está interagindo com alguém. Portanto, quando diante de alguém desconhecido Nunes, Hutz e Nunes, (2002); Brandt et al., (2019); Smith et al., (2021) afirmam que, as pessoas tendem a querer saber se a pessoa é aberta a novas experiências, se é amigável ou não, responsável ou relapso, estável ou com variações de humor frequentes ou se apresenta como alguém passivo ou dominante nas situações do dia a dia. Cada descrição exposta corresponde a um dos cinco grandes traços da personalidade.

Essa teoria é composta por cinco principais fatores (Abertura, Realização, Extroversão, Socialização e Neuroticismo) e, apesar de ser uma teoria que discute cinco traços de personalidade, é válido ressaltar que, cada uma das cinco grandes dimensões, representam um conjunto com diversas características da personalidade (Babcock & Wilson, 2020).

Neuroticismo

No fator Neuroticismo, é possível avaliar aspectos como ansiedade, depressão, hostilidade e impulsividade. Ainda de acordo com Nunes, Hutz e Nunes (2002) e Smith et al., (2021), em relação ao fator Neuroticismo, ele é responsável por avaliar o equilíbrio emocional, de modo a analisar a presença de comportamentos depressivos, o quanto a pessoa está vulnerável à opinião dos outros, mudanças de humor e ausência de comportamentos em momentos importantes. Em relação ao traço de neuroticismo, foi possível identificar que os de sexo masculino (53) têm escores mais baixos em relação aos do sexo feminino (58), o que pode mostrar uma tendência em apresentarem dificuldade em lidar com emoções e tolerância a frustração, em relação

a elas (Pinheiro, 2019).

No que diz respeito a personalidade de autores de violência do sexo masculino a literatura aponta que, no estudo realizado por Grippe (2021) com um autor de violência doméstica ao ser realizada a avaliação psicológica por meio do teste Bateria Fatorial da Personalidade (BFP), pautado na teoria dos cinco grandes fatores. Como resultado, foi percebido altos níveis de Neuroticismo, principalmente nos aspectos de vulnerabilidade e depressão, de modo que o autor de violência apresentava expectativas negativas em relação ao futuro (Grippe, 2021).

Além da personalidade, há outro fator que parece ser relevante quando se estuda violência, neste caso a tendência à agressão. Um estudo internacional, como os de Mancke, Herpertz & Bertsch (2018) identificaram que existe uma relação entre personalidade e violência, de modo que pessoas com transtorno de personalidade, como o Transtorno de Personalidade Limítrofe (Borderline), apresentaram dez vezes mais chances de cometer um crime violento e ser condenado criminalmente, do que pessoas sem transtorno diagnosticado (Mancke, Herpertz & Bertsch, 2018).

Além desses aspectos, características como desregulação emocional e hipersensibilidade à rejeição estão relacionadas à violência e foram encontradas em autores de violência que apresentaram algum transtorno de personalidade, como Borderline (Mancke, Herpertz & Bertsch, 2018). No Brasil, as pesquisas que correlacionam personalidade de autores de violência doméstica com agressividade são escassas, por isso a necessidade do atual estudo, para que possa ampliar e impulsionar mais pesquisas nessa área e, conseqüentemente, elaborar estratégias de enfrentamento a violência doméstica.

Extroversão

No fator Extroversão, características como acolhimento e assertividade fazem parte desse traço (Silva *et al*, 2007; Bergner, 2020). Segundo Nunes, Hutz e Nunes (2002) e Smith et al., (2021) o fator que avalia a intensidade e a qualidade das relações sociais é a Extroversão. Em relação às pesquisas realizadas, é válido citar o estudo feito por Pinheiro (2019) com 311 (83 homens e 228 mulheres) estudantes, os quais tiveram seus traços de personalidades avaliados e medidos por meio do teste psicológico Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores Revisado (NEO FFI - R). Como resultado, em relação ao sexo, o masculino apresentou baixo escore no traço extroversão (44,24) em relação ao sexo feminino (48,26), de modo a significar que as mulheres são mais comunicativas, assertivas e responsivas em relação ao sexo masculino desta pesquisa (Pinheiro, 2019).

No que tange os níveis de extroversão, na pesquisa de Grippe (2021). foi possível identificar baixos escores em altivez, demonstrando que o autor de violência apresenta dificuldade em reconhecer seus próprios atributos e se reconhece como uma pessoa que precisa de menos atenção. Em contrapartida, ainda sobre o traço de extroversão, foi possível verificar altos escores em dinamismo e interações sociais, o que representa que a pessoa busca por interações grupais e individuais, bem como têm iniciativa em diversas situações, como chamar alguém para sair ou iniciar conversa com estranhos em uma festa (Grippe, 2021).

Socialização

A Socialização é responsável por avaliar o interesse do indivíduo pelo

bem-estar das pessoas ao seu redor e o quanto ele é capaz de aderir a regras e normas sociais. Em um estudo comparativo feito por Löckenhoff *et al.* (2014), com dois grupos de estudantes universitários da Itália, com 564 homens, sendo 297 mulheres e 269 homens, constatou-se que os homens apresentaram menores níveis em Socialização quando comparado com as mulheres.

Para além disso, na revisão realizada por Peixoto e Meneses (2021), a socialização apresenta correlação com as habilidades sociais, como autocontrole. Em contrapartida, as pesquisas de Noronha, Lamas e Barros (2016), identificaram correlações negativas entre as habilidades sociais, de modo que os indivíduos entrevistados apresentaram baixas pontuações no fator Socialização, demonstrando comportamentos hostis e dificuldade em lidar com situações negativas, como a separação com cônjuge.

Por fim, nos estudos de Picado (2018), a socialização é identificada como preditora de saúde mental em homens, e a hipótese está relacionada com o fato de altas pontuações neste fator, revelam indivíduos generosos, sinceros, empáticos e que aceitam a opinião de terceiros, de modo a caracterizar pessoas que sabem resolver conflitos de forma assertiva e sabem lidar com os próprios sentimentos. E nos realizados por Dias (2016), o fator socialização não está associado a comportamentos violentos, justamente devido a altas pontuações neste fator, demonstram maiores habilidades sociais e facilidade em lidar com conflitos e os próprios sentimentos.

Realização

Quanto à organização, motivação, controle e persistência, têm-se o fator

Realização. Pessoas com altas pontuações neste fator, tendem a ser organizadas, com facilidade de seguir normas e regras, bem como apresentam cautela e ponderação em seus pensamentos (Cangussú e Ferreira, 2015; Lopes et al., 2014; Nunes, 2005; Silva et al., 2007; Sisto & Oliveira, 2007).

Estudos na área (Picado, 2018) revelam que este traço é menor encontrado nos homens quando comparado às mulheres. Este fator pode se relacionar com afetos positivos que auxiliam na experimentação de situações prazerosas, como manter-se persistente e organizadas para alcançar um objetivo maior (Dias, 2016).

Em relação a saúde mental e o traço Realização, De Moraes Carrapatoso (2019) identificou relações negativas com o sintoma ansioso, de modo que quanto mais cauteloso, empático, assertivo e ponderado um indivíduo for, menor serão os sintomas ansiosos, como tomada de decisão por impulso. Por fim, nos estudos realizados por Sokolovsk, Dinić e Tomašević, (2018), 573 homens apresentaram altas pontuações neste traço e nenhum destes apresentaram histórico de violência ou ficha criminal, de modo a corroborar os achados de Carrapatoso (2019), Dias (2016) e Picado (2018).

Abertura

O fator Abertura para experiências é responsável por avaliar comportamentos exploratórios, de modo a analisar se o indivíduo demonstra interesse por novos conhecimentos e situações (Buriolla, Watanabe, Oliveira & Miguel, 2018). Na pesquisa de Grippe (2021) com um autor de violência doméstica ao ser realizada a avaliação psicológica por meio do teste Bateria Fatorial da Personalidade (BFP) no que diz respeito ao traço de abertura a novas experiências, baixos níveis foram

encontrados, demonstrando que esse autor de violência é mais rígido, conservador e dogmático em relação a suas crenças e atitudes.

Além disso, a baixa pontuação nesse traço de personalidade, representa que o indivíduo tende a ser menos responsável emocionalmente consigo e com os outros. Ademais, pessoas com baixa pontuação neste traço, apresentam pouco interesse em conhecer novos lugares e desconforto em quebras de rotina, além de não concordarem com a ideia de que valores e crenças podem mudar com a passagem do tempo (Grippe, 2021).

Na pesquisa de Picado (2018) não houve diferença entre gêneros para Abertura, e, de forma similar a Extroversão e Socialização, a Abertura também se mostrou positivamente correlacionada com afetos positivos em Noronha, Lamas e Barros (2016). Mas de forma contraditória a literatura, a Abertura aparece como preditora de sintomas ansiosos, e na pesquisa de De Melo Cavestro, Franco e Garbocci (2024) este fator não aparece correlacionado com o bem-estar, diferentemente dos fatores de Extroversão, Socialização e Realização que demonstraram correlação positiva com o bem-estar e satisfação.

De maneira geral é possível perceber que a personalidade, apesar de sua relevância, no comportamento dos indivíduos não pode por si só determinar o comportamento violento, no entanto ela demarca uma tendência necessária para a avaliação dos casos que envolvem violência doméstica. Além da personalidade optou-se por tentar associar outro construto da Psicologia a tendência à agressão como forma de pensar em direcionamentos mais delimitados para o estudo da Personalidade e outras variáveis que possam a direcionar para a compreensão dos aspectos

psicológicos dos autores de violência doméstica.

Tendência a Agressividade e a Personalidade

A agressividade, como já sinalizada, desempenha um papel importante no processo de Evolução humana e parece ser um construto relevante para o desenvolvimento humano, seja para defesa ou seja para predação, de modo a fazer parte do repertório comportamental da maioria das espécies (Oliveira, 2021). Entretanto, quando a agressividade se expressa entre os seres humanos de maneira que provoque danos aos outros se convertendo em violência e que envolve fatores complexos (biopsicossociais) levando a violência doméstica (Jardim, 2024).

Neste momento será necessário fazer uma ressalva, o termo agressividade será apresentado de maneira que se possa deixar mais claro sobre qual conceito se está medindo quando se avalia tendência a agressividade. Este construto é relevante para ajudar a compreender que a violência é composta de aspectos que envolve a agressividade e é este construto que se tentará avaliar e correlacionar com a Personalidade.

Assim, a agressividade é uma conduta consciente e, em algumas situações, planejada, a qual pode ferir, intimidar e até mesmo provocar danos severos a uma pessoa (Sisto, 2007; Oliveira, 2021). Para autores, como Buss e Perry (1992) e Oliveira (2021), a agressividade apresenta-se em um percurso que vem desde a infância até a fase adulta do indivíduo, por meio de comportamentos anti sociais, agressivos e manifestações de raiva, o quais podem gerar comportamentos auto lesivos, como consumo excessivo de bebida alcoólica e drogas ilegais (Bustamante,

et. al, 2016).

Para estudiosos como Alvarez (1994), Aquino (1998) e Almeida (2021) a definição de agressividade está relacionada a tarefas de caráter hostis e destrutivas. Para Moraes (1995), Dadoun (1998) e Bustamante et al, 2016) a agressividade relaciona-se ao ato de sobrevivência e nutrição. Ademais, para Ferreira (2011) e Almeida (2021) a agressividade é a intenção de causar danos físicos, psicológicos, bem como também é a omissão de cuidados.

Ainda que existam diversas definições acerca da agressividade, os autores Geen (1990), Loeber e Stouthamer-Loeber (1998) e Georgia et al (2019) afirmam que há algo comum em qualquer definição de agressividade: a intenção de causar dano a algo ou alguém. As consequências da agressividade são individuais e sociais, uma vez que, nos Estados Unidos, cerca de 430 bilhões de dólares são gastos com departamentos de urgência e emergência devido a vítimas com lesões causadas por violência (Mancke, Herpertz & Bertsch, 2018).

A agressividade pode assumir diferentes formas de manifestação como física e verbal, afirmam Sisto e Oliveira (2004) e Georgia et al (2019) e seu resultado é o comportamento violento, como socos, empurrões (físico) e palavras hostis (verbal). Estes comportamentos podem ser influenciados por variáveis, como biológicas, pessoais, sociais, em diversos contextos (Sisto & Oliveira, 2007; Almeida, 2021).

Pesquisas que avaliaram as variáveis biológicas em alguns autores de violência identificaram anomalias hormonais e neurológicas, como produção aumentada de testosterona, afecção cerebral e disfunções no sistema límbico (Tyrode & Bourcet *apud* Lopes, I (2012); Lopes, 2013; Almeida, 2021). Além do exposto, estudos

apontam alterações nas enzimas monoaminoxidase-A, aumento do hormônio tireoidiano T3 e do ácido aminobutírico, associados ao aumento da agressividade em autores de violência (Mancke, Herpertz & Bertsch, 2018).

Ademais, em um estudo com dados de neuroimagens de homens que foram acompanhados desde a primeira série até a idade adulta, demonstrou que, aos 26 anos, indivíduos que apresentaram menor volume das amígdalas cerebrais emitiram mais comportamentos agressivos que os homens adultos com maior volume de amígdalas. Portanto, a estrutura e o funcionamento do cérebro podem estar relacionados ao desenvolvimento da agressividade (Pardini *et al.*, 2014; Lansford, 2018).

As características sociais que podem influenciar na emissão de comportamentos agressivos é a cultura no qual o indivíduo está inserido. Tal dado pode ser identificado em uma pesquisa feita nos Estados Unidos e na Finlândia, de modo a comparar o desenvolvimento da agressividade entre esses dois países. Foi percebido que, crianças que se desenvolveram até a fase adulta na Finlândia, demonstraram menos agressividade em relação às crianças dos Estados Unidos, e a hipótese para tal achado é que, na Finlândia, as políticas públicas de segurança são mais acessíveis (Lansford, 2018; Kokko *et al.*, 2014).

Por seguinte, para além da cultura, têm-se a política de cada país que pode interferir diretamente no desenvolvimento de comportamentos agressivos. Por exemplo, os conflitos políticos existentes em Israel e as intensas exposições à violência, impulsionou a agressividade entre homens israelenses e palestinos (Huesmann *et al.*, 2017). Em outro estudo, foi constatado que, após a intensa violência política das eleições do Quênia, crianças que foram expostas a esse cenário

externalizam mais agressividade em relação ao período que antecedeu as eleições (Skinner *et al.*, 2014).

Além do exposto, outro fator relacionado ao desenvolvimento da agressividade, é o contextual, de modo que ambientes de risco são mais propensos ao desenvolvimento de violência, em relação a contextos de apoio. Um exemplo disto é o aumento da violência em relação à percepção do indivíduo sobre as desvantagens de seu bairro, como violência na vizinhança. Os diversos estudos em diferentes contextos e países, sugerem que fatores externos e ambientais afetam de maneira significativa o desenvolvimento da agressividade, devido a riscos específicos de cada contexto, como morar em bairros periféricos e presenciar violência com frequência (Lansford, 2018)

No que diz respeito às características psicológicas, têm-se alguns fatores que influenciam diretamente a agressividade, como a vingança e o ciúme. No que tange a vingança, estudos constataram que existe um papel mediador entre a sede de dar o troco (revanche) e o cometimento de atos violentos, pois o ato vingativo tem como definição prejudicar alguém em detrimento de um dano sofrido anteriormente, o qual é considerado pela vítima como injusto e prejudicial (Stuckless & Goranson, 1992).

Além disso, outras variáveis psicológicas que podem influenciar, foram analisadas no estudo de Stenzel (2019) com três autores de violência contra mulher, um dos autores apresentou abandono na infância (por parte do pai biológico) e foi criado pela avó. O mesmo autor alegou que agrediu sua companheira por não saber lidar com a separação, pois remetia ao abandono do pai. Um outro autor apresentou pai violento e mãe passiva durante a infância, e o último entrevistado alegou ter tido pais negligentes.

Além disso, outros estudos apontam esse construto como comportamentos antissociais do indivíduo, de modo a levá-lo a reparar os danos que lhe foram causados por meio de agressividade contra o autor da violência (Barnoux & Gannon, 2014; Chester & DeWall, 2018; Johnson *et al.*, 2010; McCullough, Kurzban, & Tabak, 2013). No estudo feito por Cataldo *et al* (2019), constatou-se que a vingança é um fator emocional e cognitivo que antecede a violência, de modo que todo ato de vingança pode ser considerado como violência (Chester & DeWall, 2018). Outro ponto a ser considerado, é que pessoas que se descreveram como vingativas, apresentaram baixos traços de generosidade, empatia e apresentaram dificuldades em comportamentos de autorregulação e autocontrole (Lee & Ashton, 2012; Ruggi, Gilli, Stuckless, & Oasi, 2012; Sindermann *et al.*, 2018).

Em relação ao ciúme, é identificado como reação do organismo diante de ameaças que ponham em risco a perda da pessoa que se ama (Radde & Mendes, 2022; Gomes, Amboni & Almeida, 2011). O ciúme é considerado como uma das principais causas de violências cometidas entre parceiros, uma vez que é associado a agressividade, que por consequência, está associada ao sentimento de posse de um parceiro sobre o outro (Lacerda & Costa, 2013).

Os fatores que provocam ciúmes entre homens e mulheres, são distintos: para eles, o ato sexual de sua parceira com outro; para elas, o envolvimento amoroso do cônjuge com uma terceira (Radde & Mendes, 2022). Estudos como de Pinto (2013) apontam que pessoas que se consideram ciumentas, apresentaram traços marcantes de timidez e problemas de insegurança, advindos da infância.

Pesquisas na área (Kokkinos & Voulgaridou, 2017; Jardim, 2024) têm

revelado que determinadas configurações de personalidade se relacionam com a forma como a pessoa se comporta e interpreta os estímulos recebidos, de modo a significar uma diferenciação individual nas respostas às interações sociais, a qual como resultar na violência (Hecht & Latzman, 2015), que pode ser considerada como uma característica comportamental e, como tal, tem relação direta com a personalidade (Dinic e Smederevac , 2018).

Em um estudo feito por Freitag e Bauer (2016), com 283 pessoas, visou correlacionar traços de personalidade com o sentimento de ciúmes. Como resultado, o traço que mais se correlacionou positivamente com o ciúme foi o Neuroticismo, de modo que, pessoas que obtiveram maiores pontuações nesse traço, demonstraram-se mais sensíveis a possíveis ameaças de abandono do parceiro, levando a ter mais ciúmes e medo de perder a pessoa amada. Em contrapartida, houve uma correlação negativa entre o traço de amabilidade e ciúmes, uma vez que quem obteve alta pontuação nesse traço, tende a ser mais empático, compreensivo e demonstra confiar mais no parceiro (Freitag & Bauer, 2016; Monteiro *et al.*, 2022).

Além das características já citadas, nessa mesma direção, há um grupo de pesquisadores que procurou correlações entre agressividade e traços de personalidade, a exemplo de Cataldo *et al* (2019) e Jardim (2024), que realizou um estudo feito com 218 pessoas de Fortaleza, em que foram encontradas correlações entre os traços de personalidade neuroticismo e a amabilidade com comportamentos agressivos (principalmente violência física). Os indivíduos que obtiveram altas pontuações no neuroticismo apresentaram maior instabilidade emocional e baixo controle de impulsos, enquanto, os participantes que apresentaram baixas pontuações em

amabilidade, apresentaram mais emoções e pensamentos agressivos.

Em outro estudo de correlação entre personalidade e agressividade, com 218 participantes, constatou-se que os principais traços ligados à violência física são o neuroticismo e a extroversão, portanto quanto menor a pontuação nesses traços, maiores são as tendências e comportamentos agressivos. Em contrapartida, pessoas que obtiveram altas pontuações em amabilidade, apresentaram baixos comportamentos e emoções agressivas (Cavalcanti & Pimentel, 2016).

Dentre os cinco grandes fatores da personalidade, em outro estudo, o neuroticismo apresentou correlação positiva com a agressividade entre 1220 alunos de graduação da Universidade do Centro Oeste dos Estados Unidos. Em relação à amabilidade, sua relação é negativa, cerca de 60% dos participantes demonstram altos níveis de amabilidade, de modo a representar indivíduos participativos e confiáveis. No que diz respeito à conscienciosidade, sua correlação também se apresenta negativa, devido ao fato desse traço estar ligado à responsabilidade e organização (Bartlett & Anderson, 2012).

A abertura a novas experiências não apresentou relação com a agressividade, pois diz respeito ao indivíduo que se apresenta amável e cortês. Por fim, a extroversão apresenta uma correlação mista, pois autores como Sharpe e Desai (2019) e Rodrigues e Gomes (2022), encontraram em seus estudos uma correlação negativa, enquanto autores como Gallo e Smith (1998) identificaram relações positivas entre extroversão e agressividade (Bartlett & Anderson, 2012). Em paralelo ao exposto, em outro estudo, feito por Hosie *et al.* (2014), com 55 autores de violência, constatou o oposto do que foi achado nos estudos anteriores, de modo que apenas amabilidade e

conscienciosidade estavam correlacionados com a agressividade.

Uma hipótese para estes resultados pode ser que pessoas com baixa pontuação em amabilidade apresentam baixa tolerância e pouca cooperação. Assim como pessoas com baixos escores em conscienciosidade, tendem a não ter autodisciplina e têm pouco cuidado com o que as consequências dos seus atos podem causar aos demais Hosie *et al.* (2014).

É válido ressaltar que, apesar desses estudos confirmarem que a agressividade pode estar correlacionada aos traços de personalidade, a violência contra mulher é um problema multideterminado, de modo que existem diversos outros fatores que podem influenciar na prática da violência, como biológicos e sociais (Hosie *et al.*, 2014; Sinderman *et al.*, 2018; Warburton & Anderson, 2015; Zhang, *et al* 2017). Por isso, é necessário, para prevenir a violência doméstica, englobar o ponto de vista dos autores de violência doméstica, pois tanto autores quanto vítimas são afetados de formas distintas.

Diante da literatura e do contexto teórico estabelecido nesta dissertação, pode-se dizer que esta pesquisa é uma tentativa de subsidiar dados científicos ainda poucos explorados no Brasil, sobretudo em uma população invisível como se caracteriza os autores de violência. Tal tentativa se aglomera em outras pesquisas cujo objetivo é ajudar a formar uma base sólida de dados sobre essa população, ainda ínfima no contexto brasileiro e sobretudo na Amazônia.

Objetivos

Objetivo Geral

Analisar a relação entre os traços de personalidade com tendências agressivas de autores de violência doméstica.

Objetivos Específicos:

- ✓ Identificar as características biopsicossociais dos autores de violência doméstica;
- ✓ Identificar os traços de personalidade e tendências à agressividade dos autores de violência doméstica contra mulher;
- ✓ Correlacionar os traços de personalidade e tendências à agressividade.

Método**Delineamento**

Esta pesquisa caracterizou-se por ter um delineamento transversal, com objetivos descritivos e exploratórios, seguido de uma abordagem quantitativa e qualitativa dos dados, com o tipo de procedimento técnico *survey*. Este estudo teve uma amostra independente dos participantes selecionados por conveniência.

Participantes

Para a realização da pesquisa, foram entrevistados 30 homens, os quais foram sentenciados por perpetrar algum tipo de violência prevista na Lei Maria da Penha. O número reduzido do grupo amostral se deu devido à grande rotatividade de autores de violência doméstica durante cada encontro no grupo reflexivo. Três motivos levaram a redução da amostra: a) evasão devido a não aceitação dos participantes em manter-se no grupo; b) devido a alguns homens cumprirem a carga horária exigida pelo juiz e deixar de ir aos encontros e c) devido a rotatividade de participantes, uma vez que os encontros ocorriam de 15 em 15 dias, dificultando o contato com esse público.

Os critérios de inclusão para a seleção dos participantes foram homens

sentenciados por violência doméstica, maiores de 18 anos e ensino fundamental completo. Como critérios de exclusão, a pesquisa não incluiu homens com ensino fundamental incompleto, conforme o manual do teste de personalidade exige como pré-requisito para responder às questões.

Contexto

Esta pesquisa ocorreu no Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero (NUGEN), desenvolvido pela Defensoria Pública do Estado do Pará, em Belém. O núcleo tem como objetivo atender homens que foram sentenciados pelo crime de violência doméstica e familiar contra a mulher. Ademais, esse serviço tem como foco homens que estejam respondendo a processo judicial ou condenados e em cumprimento de pena ou participação em medidas alternativas, como os grupos reflexivos realizados pelo NUGEN. As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada na instituição, disponibilizada pela própria equipe da Defensoria Pública. A realização da pesquisa se deu entre os meses de janeiro e junho de 2024, de modo que ocorreram três encontros por semana.

Instrumentos e Materiais

Para a coleta dos dados a pesquisa usufruiu de três instrumentos quantitativos: Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência Doméstica; Bateria Fatorial de Personalidade e Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade. Por fim, apesar de ser utilizado dados quantitativos, alguns dados qualitativos foram anotados em diário de campo, como os relatos de alguns participantes, os quais foram adicionados ao decorrer dos resultados.

Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência Doméstica

Para identificar as características biopsicossociais dos autores de violência doméstica, foi aplicado o Formulário de Caracterização de Autores de Violência Doméstica adaptado a partir do instrumento elaborado por Reis (2016). O instrumento teve o objetivo de obter o levantamento de dados das características biológicas (cor/raça, idade) e sociais (escolaridade, estado civil). O formulário também auxiliou a estabelecer o primeiro contato com os participantes da pesquisa.

Bateria Fatorial de Personalidade

Para identificar os traços de personalidade dos autores de violência doméstica foi utilizado o teste psicológico denominado Bateria Fatorial da Personalidade (BFP), o qual é fundamentado pela Teoria dos Cinco Grandes Fatores (ou Big Five) de Goldberg (1981), os quais são: neuroticismo (N1 - vulnerabilidade; N2 - instabilidade emocional; N3 - passividade/falta de energia; N4 - depressão); extroversão (E1 - comunicação; E2 - altivez; E3 - dinamismo; E4 - interações sociais); socialização (S1 - amabilidade; S2 - pró- sociabilidade; S3 - confiança nas pessoas); realização (R1 - competência; R2 - ponderação/prudência; R3 - empenho/comprometimento), e abertura (A1 - abertura a ideias; A2 - liberalismo; A3 - busca por novidades).

A Bateria Fatorial de Personalidade foi aprovada pelo Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI), em 01 de agosto de 2009 (CFP, 2019) e é composta por 126 itens e cada um deles apresenta respostas de múltipla escolha, as quais variam em uma escala de likert de 1 (descreve-me muito mal) a 7 (descreve-me

muito bem). Dentro dessa escala, as respostas serão agrupadas para que possa identificar os traços de personalidade do indivíduo. Os itens são compostos por afirmações que se relacionam com cada traço referente aos cinco grandes fatores e não se restringem a somente cinco dimensões, uma vez que cada um dos cinco traços, englobam diversas características distintas da personalidade. O teste foi validado no Brasil de modo a levar em consideração critérios, como língua nativa, aspectos culturais e diversidades regionais (Nunes, *et. al*, 2013).

O teste apresenta como material, um caderno de aplicação contendo as instruções e os 126 itens a serem respondidos, um protocolo de respostas contendo os dados de identificação, como nome, sexo, idade, escolaridade, no qual são registradas as respostas aos 126 itens e o manual. A correção é realizada de forma que os pontos são somados e transformados em percentis, os quais são classificados como muito baixo (até 14), baixo (de 15 a 29 pontos), médio (de 30 a 70), alto (71 a 85) e muito alto (maior que 85) (Nunes, *et. al*, 2013). Por fim, o teste pode ser aplicado de maneira individual ou coletiva, em indivíduos com faixa entre 10 e 75 anos e que apresentem, no mínimo, o ensino fundamental completo.

Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade

A Escala de Avaliação de Tendência à Agressividade (EATA) tem como principal objetivo avaliar a tendência à manifestação de condutas agressivas presentes em maior ou menor possibilidade de se manifestar em indivíduos com idade entre 18 e 65 anos. A escala é baseada nas descrições de transtorno de conduta do CID-10 e DSM IV e composta por 40 afirmações, as quais são divididas em três subescalas: subescala A, com foco em condutas mais comuns no sexo masculino, composta por 16

itens; subescala B, têm como foco condutas mais relacionadas ao sexo feminino, com 14 itens; e subescala C, referente a condutas comuns aos sexos masculino e feminino, composta por 10 itens.

Segundo Sisto (2012) a escala não oferece uma medida unidimensional, de modo que, além das três subescalas divididas por sexo, existe a quarta subescala que oferece a pontuação total no instrumento. Ademais, as afirmativas devem ser respondidas em uma escala likert que varia de 0 (nunca ou raramente), 1 (às vezes) a 2 (muito frequente). Por fim, os itens são divididos em três fatores, de modo que o fator I diz respeito aos itens relacionados à agressividade verbal e hostilidade na interação com outras pessoas, além do uso de comportamento dissimulado (Conduta A); fator II são itens correspondentes às condutas antissociais e quebra de regras sociais e infrações (conduta B); e o fator III, referente aos itens relacionados à raiva e agressão física, perfil de pessoas mais temperamentais, raivosas, com condutas impulsivas (conduta C).

Considerações Éticas

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, localizado no Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará, em Belém, sob o parecer número 6.736.934.

Procedimento de Coleta

A pesquisa foi realizada mediante contato com o Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero (NUGEN), o qual encontra-se na Defensoria Pública do Pará, com intuito de apresentar o presente trabalho, e verificar quais homens desejariam participar. Os participantes leram e assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e ao aceitarem fazer parte da amostra, as entrevistas foram agendadas, para que os instrumentos pudessem ser utilizados de maneira presencial.

Os participantes tiveram acesso aos protocolos impressos para autopreenchimento, para que pudessem garantir maior entendimento de cada instrumento, garantir a redução de possíveis situações constrangedoras e maior precisão na coleta dos dados. Com os instrumentos impressos, a pesquisadora leu para os entrevistados as questões que precisavam ser respondidas e para que dúvidas pudessem ser dirimidas, a pesquisadora colocou-se à disposição para maiores esclarecimentos.

Os dados do questionário biopsicossocial foram coletados algumas informações dos prontuários dos participantes e checados posteriormente. Após esta fase foi aplicado, primeiramente, a Bateria Fatorial da Personalidade, pois demandou mais tempo (30 minutos) e atenção para sua aplicação. Em seguida, foi aplicada a Escala de Tendência à Agressividade, por ser uma escala com menos itens e mais rápida (15 minutos) de aplicar.

Diário de campo

No decorrer da pesquisa, conforme a coleta se desenvolvia, foi perguntado aos assistidos sobre dados que estavam incompletos em seu prontuário para finalizar o preenchimento do questionário de caracterização biopsicossociais, bem como relatos pessoais sobre as relações interpessoais com as vítimas. Todos esses relatos foram anotados em diário de campo, os quais foram utilizados nos resultados como forma de complementar os dados quantitativos.

Procedimento de Análise

Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência Doméstica

Os dados foram organizados em planilhas do Microsoft Excel 365 e, em seguida, transferidos para o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Foram realizadas análises estatísticas descritivas e de frequência para caracterização dos participantes quanto aos aspectos biopsicossociais. Por fim, análises quantitativas foram feitas acerca dos relatos dos entrevistados, de modo a encaixar de acordo com cada tópico dos resultados.

Interpretação da Bateria Fatorial da Personalidade Informações Gerais

No que tange a análise de dados relacionados a personalidade, o teste utilizado conta com a correção manual, na qual a escala likert é invertida e o escore bruto é calculado e o percentil de cada traço é gerado, de todos os formulários, de modo a gerar, para cada indivíduo, os traços de personalidade mais encontrados de acordo com o percentil de cada um deles. Os resultados possíveis são: muito baixo (até 14 pontos percentis), baixo (de 15 a 29), médio (30 a 70), alto (71 a 85) e muito alto (maior de 85).

Os resultados do teste permitem identificar tendências e padrões comportamentais, de crenças e atitudes de um indivíduo, o que não permitiu afirmar que o indivíduo tem ou não tais características, mas garantem que em determinadas situações/contextos, a pessoa pode apresentar um determinado comportamento (Sisto, 2019).

Neuroticismo

Esse fator diz respeito a estratégias de enfrentamento, inteligência emocional e tomada de decisão de forma elaborada. Indivíduos que apresentam alta pontuação no fator Neuroticismo, tendem a vivenciar de maneira excessiva sofrimento psicológico, instabilidade e vulnerabilidade emocional, de modo a dar pouca ênfase aos fatores positivos e muito foco aos acontecimentos negativos (Nunes, 2000). Ademais, autores como Watson e Hubbard (1996) alegaram que pessoas com altos níveis de Neuroticismo tendem a avaliar negativamente estímulos neutros ou ambíguos, de modo a interpretar como ameaça ou problemas onde não existe de forma clara e objetiva.

Em relação a faceta Vulnerabilidade, responsável por avaliar o quão frágeis emocionalmente são as pessoas, indivíduos com alta pontuação tendem a apresentar baixa autoestima, demonstram medo em perder amigos devido seus erros e defeitos e costumam tomar atitudes contra sua vontade com o objetivo de agradar as pessoas ao seu redor (Widiger e Costa, 2002). Em relação a faceta Instabilidade Emocional, que diz respeito aos níveis de variação de humor, irritabilidade e nervosismo, indivíduos com altos escores nessa faceta, tendem a agir impulsivamente, tomar decisões precipitadas bem como apresentam oscilação frequente de humor sem motivo aparente e baixa tolerância à frustração (Noronha, 2008).

No que diz respeito a faceta Passividade, que avalia principalmente a proatividade, indivíduos com altos escores apresentam comportamentos de procrastinação, de modo a ter dificuldade em iniciar tarefas e tendem a ter baixa motivação para afazeres do dia a dia, uma vez que precisam do estímulo do outro para

concluí-las. Por fim, altas pontuações na faceta Depressão, a qual avalia como os indivíduos interpretam os acontecimentos que ocorrem ao longo de sua vida, indicam alto nível de desesperança, de modo a não ter expectativas positivas em relação ao futuro e os indivíduos tendem a ser solitários e viver a vida de forma monótona e sem emoção (Nunes, Hutz & Nunes, 2001).

Extroversão

Extroversão é o traço que avalia o quanto a pessoa se expõe a novos ambientes e experiências. Indivíduos que apresentam altos níveis em Extroversão tendem a ser comunicativos, buscam contato com outras pessoas mesmo que desconhecidas e se demonstram ativas e com facilidade de expor suas crenças, opiniões e preferências, muito comum em pessoas que assumem cargos de liderança no trabalho, na escola e em organizações de atividades lúdicas (Waldman, Atwater & Davidson, 2004). Em relação a faceta Comunicação, a qual avalia o quanto as pessoas se veem como comunicativas e expansivas, altos escores representam pessoas que apresentam facilidade ao falar em público, as quais conseguem expressar sua opinião quando em grupo e tendem a não se constranger em situações nas quais são contrariadas ou chamadas atenção (Nunes, Hutz & Nunes, 2001). No que tange a faceta Altivez, responsável pela avaliação de como os indivíduos percebem seus valores e qualidades, pessoas com altos escores relatam precisar da atenção das pessoas ao seu redor e afirmam ser o motivo dos outros sentirem inveja. Ademais, são pessoas que tendem a se vangloriar por suas posses (celular, carro, entre outros.) e suas capacidades e qualidades, de modo a serem caracterizadas por desumildes (Noronha, 2008). Em seguida, no que diz respeito ao fator Dinamismo, o qual avalia o quanto as pessoas

colocam em prática suas ideias e tomam a iniciativa em atividades diversas, altos escores representam pessoas que conseguem se engajar em mais de uma atividade ao mesmo tempo, e mesmo em momentos de lazer, como folga e férias, tendem a se ocupar com tarefas diversas.

Por fim, Interações Sociais é o traço que avalia o quanto as pessoas se engajam em atividades em grupo, como festas. Altos escores nessa faceta representam indivíduos que se esforçam para manter o contato com seus conhecidos e apresentam facilidade em manter-se em grupo (Costa e McCrae, 1992).

Socialização

Este traço tem como objetivo avaliar o quanto as pessoas confiam nos outros e seu nível de altruísmo, por isso, indivíduos com alta pontuação apresentam facilidade em confiar em outras pessoas, sem desconfiar de más intenções, priorizam o bem-estar do outro em detrimento do seu e apresentam lealdade às pessoas com as quais se preocupa (Nunes, 2005). Em relação a faceta Amabilidade, responsável por avaliar o quão empáticas, atenciosas e compreensivas as pessoas são com os demais, altos escores representam alguém que é proativo em resolver as demandas do outro, preocupação pelo bem-estar dos demais e alta disponibilidade para atender a necessidade de pessoas ao seu redor.

Em Pró-Sociabilidade, avalia-se o quanto a pessoa se expõe a comportamentos de risco, confrontam as leis, regras sociais e morais e o quanto emitem comportamentos auto e hetero lesivos. Pessoas com alta pontuação, evitam transgredir as leis e pouco se expõem a situações de perigo, como dirigir após ingerir bebida alcoólica.

Por fim, Confiança nas Pessoas é uma faceta de Socialização que avalia o quanto um indivíduo acredita que as pessoas ao seu redor não estão lhe prejudicando. Altos escores demonstram um indivíduo ingênuo, o qual não percebe a maldade nos demais (Costa & McCrae, 1992).

Realização

Realização é um fator que envolve traços de personalidade referentes à motivação, perseverança e engajamento em relação ao sucesso e ao planejamento de ações para alcançar metas. Altos escores caracterizam pessoas que são esforçadas, ambiciosas, dedicadas e que se sacrificam para alcançar seus objetivos, de modo a abdicar de desejos imediatos (Halfhill, Sundstrom, Lahner, Calderone & Nielsen, 2005).

A faceta Competência tem como objetivo avaliar o quão ativo o indivíduo é para alcançar seus objetivos, bem como avaliar se o indivíduo tem consciência do que é preciso fazer ou abdicar para chegar à meta final traçada. Altos escores significa que a pessoa tende a acreditar em seu potencial e realizar diversas atividades ao mesmo tempo, de modo a não desistir no primeiro obstáculo que possa aparecer (Nunes, 2005).

No que diz respeito a Ponderação/Prudência, é o fator que avalia o quão assertivo um indivíduo pode ser, de modo a expressar suas opiniões e defender seus interesses de forma clara, objetiva e com cuidado, bem como também avalia a ponderação das possíveis consequências de suas próprias ações. Altos escores referem-se a pessoas que agem e falam a partir de planejamentos e com o cuidado de não agir por impulso ao resolver problemas (Halfhill *et al.*, 2005).

Por fim, a última faceta de Realização é Empenho/Comprometimento, o qual é responsável por avaliar o quão detalhista uma pessoa pode ser diante de seu trabalho e na realização de tarefas, bem como diz respeito à exigência pessoal do indivíduo em relação a si diante de trabalhos acadêmicos ou profissionais. Pessoas que obtêm alto escore nesse item, tendem a revisar detalhadamente seus trabalhos antes de expor a terceiros, assim como se motivam quando são reconhecidas pelo perfeccionismo, dedicação e o planejamento detalhado para a realização de tarefas (Noronha, 2008).

Abertura

O fator Abertura diz respeito a comportamentos exploratórios, o quanto o indivíduo se expõe a novas experiências e contextos. Pessoas com altos escores nesse item, tendem ser criativas, curiosas e encontram diversão em tarefas e atividades que estão fora de sua rotina. No que diz respeito a faceta Abertura a Ideias, avalia-se se a pessoa se expõe a novos conceitos, como religiões diferentes da sua própria e outros estilos musicais. Pontuações altas nesse fator, tendem a representar pessoas que têm interesse em atividades que requerem imaginação, criatividade e ideias abstratas, como discussões filosóficas e arte (Nunes, 2005).

No que tange ao Liberalismo, descreve a tendência do indivíduo a se expor a novos valores morais e sociais, como conhecer novas culturas. Indivíduos que se identificam com esses itens, tendem a relativizar questões morais e sociais, as quais podem variar de acordo com a cultura local, por exemplo, bem como os indivíduos que obtêm altas pontuações, entendem que o que é dito como verdade pode mudar ao longo tempo, de acordo com hábitos e costumes sociais (Nunes, 2009). Por fim, a faceta Busca por Novidades é composta por itens que se referem à preferência de

viver novos eventos e ações. Altas escores indicam pessoas que relatam não gostar de se manter em rotinas por longos períodos, as quais apresentam baixa motivação para realizar tarefas repetitivas e se sentem entediadas. (Nunes, 2009).

Escala para Avaliação de Tendência à Agressividade

No que diz respeito a análise dos dados referentes a tendência à agressividade, a correção do teste é feita de maneira manual, uma vez que a pontuação é realizada pela soma dos pontos que são convertidos em percentil. Quanto maior a pontuação, maior o nível de condutas agressivas. Assim, a classificação das pontuações são: faixa de percentis 1-49 (abaixo da média), 54-72 (médio-alta) e 75- 100 (alta).

Os possíveis resultados variam de um a três tipos de condutas agressivas. A primeira é classificada como Conduta A e diz respeito a violência verbal e hostilidade, comuns ao sexo feminino. A segunda conduta é a B, referentes a condutas antissociais e comuns ao sexo masculino. E a última conduta é a C, comum a ambos os sexos e referentes a agressividade física (Sisto, 2019).

Interpretação dos Dados Gerais

Em seguida, os escores do teste de personalidade e a escala de agressão foram calculados para aferir a classificação (baixo, médio, alto). Após essa etapa, os dados foram cruzados utilizando análise de correlação de *Pearson* para testar a hipótese de pesquisa. Para verificar se as variáveis seguem uma distribuição normal e padrão, foi utilizado o teste não- paramétrico chamado de Kolmogorov-Smirnov. Verificou-se que 90% das variáveis tiveram *p* valor altamente significativo ao nível de 1%, de modo que a distribuição se caracteriza como normal padrão. A correlação foi escolhida com

o intuito de medir a força e a direção da associação das variáveis estudadas. Aqui, foram consideradas correlações significativas aquelas com $p < 0,05$. Além disso, a força/magnitude das correlações foi considerada fraca para valores de 0,1 a 0,3; moderada para valores de 0,4 a 0,6; e forte para valores de 0,7 a 0,9 (Dancey & Reidy, 2019).

Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados a partir de quatro seções: características biopsicossociais, características de personalidade, caracterização das tendências à agressividade, e as correlações entre traços de personalidade e tendências agressivas.

Caracterização biopsicossociais

No que diz respeito à caracterização dos Autores de Violência Doméstica, este estudo identificou que a cor/etnia dos homens foi em sua maioria de autodeclarados pardos (43,3%) ou pretos (40,0%), e houve a minoria de 16,7% de cor/etnia branco (Tabela 1). Este dado reforça as pesquisas feitas por Madureira *et al* (2014), em que 91 (70%) de uma amostra de 130 autores de violência condenados pela lei Maria da Penha pesquisados eram pretos ou pardos, sendo o número superior a metade da amostra. Estes dados corroboram com os resultados de Leite e Lima (2015), uma vez que, apesar de ter demonstrado maior presença de autores brancos em uma amostra de 42 casos de Violência Doméstica (VD), quando somada a presença de autores pardos e pretos, torna-se mais de 50% da amostra.

Na pesquisa de Mota, Vasconcelos e Assis (2007), em seu trabalho caracterizaram os autores como brancos e não brancos, este último sendo mais de 70% de uma amostra de 684 ocorrências feitas pelas vítimas. Em outra pesquisa norte

americana (Winstead & Stevenson, 2022), os autores de violência brancos eram mais presentes, sendo as minorias raciais que caracterizam homens pardos, pretos e amarelos, cerca de 30% (N=385) destacaram que os perpetradores de violência não brancos têm mais probabilidade de receber medidas judiciais do que homens brancos.

É importante destacar que a população preta e parda tem maior presença nas penalizações judiciais brasileiras, conforme dados do primeiro semestre de 2024 (Secretaria Nacional de Políticas Penais [SENAPPEN], 2024). Alguns fatores que podem contribuir para a perpetração da violência doméstica entre esta parcela da população é a desigualdade socioeconômica, bem como ter menos acesso a recursos de apoio e serviços de saúde, por exemplo.

Para além do exposto, é importante destacar que a cor/etnia não é condição para que indivíduos venham a cometer violência contra mulher, assim sendo essencial problematizar que a cultura de racismo é estrutural e que reverbera na jurisprudência, com maior criminalização e aprisionamento de homens pretos e pardos em detrimento a homens brancos (Sinhoretto & Moraes, 2018), assim como indivíduos de baixa condição socioeconômica. Tal aspecto pode revelar nesta pesquisa que homens brancos, historicamente privilegiados no Brasil, dificilmente são condenados por violência contra mulher. Essa problemática aumenta haja vista a ausência de dados específicos sobre as disparidades entre raça, cor ou etnia nesse tipo de crime.

Tabela 1
Características biopsicossociais dos autores de violência.

Variáveis	Frequência	%
Cor/Etnia		
Pardo	13	43,3

Preto	12	40,0
Branco	5	16,7
Idade		
20-30 anos	5	16,7
31-41 anos	14	46,6
42-52 anos	7	23,3
53-63 anos	3	10,0
63-71 anos	1	3,3
Escolaridade		
EF	5	16,7
EMI	6	20,0
EMC	13	43,3
ES	6	20,0
Profissão		
Autônomo	11	36,7
Motorista/Motoboy	8	26,7
Estudante	3	10,0
Outros	8	26,7

Outro resultado nas características biológicas deste estudo foi a idade dos participantes, a qual a idade mínima foi de 20 anos e a máxima de 64 anos, com uma média 40,0 (DP= 9,7), caracterizada pela maior presença da faixa etária dos 30 a 40 anos, seguida pela presença de autores de violência doméstica de mais de 40 anos (Tabela 1).

Na literatura encontra-se a prevalência de autores entre os 20 e 29 anos, descritos como homens jovens (Madureira et al, 2014). Entretanto, de maneira semelhante aos resultados da presente pesquisa, a faixa etária de 30 a 40 anos está predominante na literatura de Assis, Mota e Vasconcelos (2007), Moraes, Cavalcante, Pantoja e Costa (2018), Clare e Ferreira (2017), Greibler e Borges (2013), Leite e Lima (2015), Toprak e Ersoy (2017), e nos achados da revisão sistemática de Petersson e Strand (2020), em que 30 artigos datados de 1996 a 2006, a média de idade dos autores na literatura foi de 35 anos, sendo os mais velhos os autores de

violência doméstica que conviviam com as vítimas no contexto familiar.

Um aspecto que possa justificar a idade diferente entre os autores desta pesquisa e dos demais estudos pode revelar características de uma amostra do NUGEM, uma vez que são indivíduos que cometeram violência com menor teor de gravidade. Assim, talvez tais dados refletem essa condição referente a idade, aspecto que necessita de estudos mais amplos.

Sobre as características sociais no tocante à escolaridade, foram identificados na pesquisa que 13 homens tinham ensino médio completo (43,3%), e a minoria de 5 (16,7%) tinham o ensino fundamental completo conforme a Tabela 1. Esses dados corroboram os estudos feitos por Madureira *et. al* (2014), na qual os autores de violência doméstica com ensino superior completo eram 2,3% (N=130), bem como corrobora a pesquisa documental de Frezza (2021), com 40 prontuários de autores de violência doméstica penalizados à participação de grupos reflexivos. Dos 40, 30% (N=12) tinham formação completa do ensino médio e 20% (N=8) tinham formação inferior à essa escolaridade, demonstrando baixa escolaridade na população de homens autores de violência doméstica.

Em uma pesquisa internacional realizada em uma área rural do Vietnã (Vung, Krantz & Ostergren, 2008), a baixa escolaridade dos autores de violência doméstica foi fator de risco para violência física/sexual ocorrer, de maneira semelhante a esses dados, em regiões ocidentais, Assis, Mota e Vasconcelos (2007), Borges e Griebler (2013) e Scott e Oliveira (2018) relataram que mais da metade dos autores de violência doméstica tinham escolaridade inferior ao ensino médio completo em todas as ocorrências, boletins e documentos pesquisados.

Ainda, Cavalcanti et al (2018), em ocorrências de violência por parceiro íntimo na região norte do Brasil, houve maior presença de autores violência doméstica sem ensino fundamental em mais de 40% em uma amostra com mais de 400 ocorrências. Estes dados podem indicar que a educação e a escolaridade pode ser um fator importante relacionado a comportamentos de violência, entretanto, pesquisas como a de Borges e Griebler (2013) e Petersson e Strand (2020) defendem que a violência ocorre nas mais variadas camadas sociais com diferentes graus de formação e escolaridade por parte do autor de violência. Apesar disso, em uma pesquisa mais recente, Hou, Cerulli, Wittink, Caine, Thompson-Stone e Quiu (2022) considerou que além de características biológicas como a idade, as características sociais como a baixa escolaridade e situação econômica desfavorável pode ser preditora para violência nas relações íntimas.

Outro aspecto referente correlação entre baixa escolaridade e agressividade pode perpassar por diversos fatores, como falta de oportunidade, em função do baixo nível educacional o que limita o acesso a empregos com maior poder aquisitivo de modo a intensificar a exclusão social e a probabilidade de pobreza (Teixeira, Resende & Perissinotto, 2020). Ademais, aspectos relacionados com a cognição (tomada de decisão e resolução de problemas) e aspectos psicológicos (baixa autoestima e falta de autoconfiança) também se apresentam como fatores que podem correlacionar a baixa escolaridade e ao cometimento de crimes (Soares et al., 2016).

No que diz respeito a profissão, todos os participantes afirmaram ter uma ocupação, 11 alegaram ser autônomos (36,7%), oito alegaram ser motoboy ou motorista de carro particular (26,7%) e oito (26,7%) foram classificadas em Outros,

agrupando variadas profissões (pintor, encanador, atendente, técnico em eletrônica, vigilante, cuidador, eletricista e contador) (Tabela 1). Na literatura, os autores de violência doméstica contra as parceiras geralmente aparecem com alguma ocupação remunerada (Clare e Ferreira, 2017; Toprak e Ersoy, 2017; Vung, Krantz e Ostergren, 2008).

Conforme algumas pesquisas como a de Borges e Greibler, (2013), Petersson e Strand (2020) a renda salarial baixa e menor grau na escolarização não aparece como fator preditor para violência doméstica. Para Assis, Mota e Vasconcelos (2007) ressaltam que há associação estatística de violências a autores de violência doméstica que executam uma atividade laboral. Assim, os pesquisadores afirmam que o trabalho remunerado pode ser uma variável inibidora de violência, uma vez que pode auxiliar o homem a lidar com problemas pessoais, de modo que os amigos da empresa seriam uma rede de apoio, auxiliando na regulação de estresse e frustração (Assis, Mota & Vasconcelos, 2007). Ainda sobre os achados de Borges e Greibler, (2013), Petersson e Strand, (2020). Assis, Mota e Vasconcelos (2007) sobre os dados de escolarização dos autores de violência, apontam que a baixa escolarização pode gerar menor qualificação profissional e, conseqüentemente, menor renda salarial.

Em relação aos dados das características das vítimas dos autores de violência doméstica (Tabela 2), mais da metade (cerca de 70%) era Companheira/Mulher do agressor de violência doméstica na época do crime, sendo um total de 22 mulheres do total de 30. As demais vítimas eram mãe de um dos autores de violência doméstica (3,3%) e ex- esposas/companheiras (23,3%). Esse dado reforça os achados na literatura em que as maiorias das violências domésticas ocorrem em relações

amorosas, como relações conjugais ou namoros, de modo que têm convívio com o autor de violência (Griebler e Borges, 2014; Madureira et al, 2014. Leite e Lima, 2015, Raimondo, Labronici, Muller Larocca, 2013; Toprak e Ersoy, 2017).

Tabela 2

Característica das vítimas dos casos de violência.

Vítima	Frequência	%
Ex-Esposa	7	23,3
Mãe	1	3,3
Companheira/Mulher	22	73,3

Por fim, a combinação de diversos fatores, como escolaridade e raça/etnia, pode intensificar a vulnerabilidade social. Homens pardos e negros com baixa escolaridade estão mais propensos a experimentar a violência doméstica, assim afirmam os dados do IBGE (2020). Ainda segundo essa pesquisa, 64,2% dos presos brasileiros têm ensino médio completo, assim como 73,4% são negros ou pardos.

Os dados gerais sinalizam que as características biopsicossociais são aspectos norteadores para pesquisas com essa população. Apesar de serem dados descritivos, eles ajudam a perceber e compreender características heterogêneas próprias dos autores de violência doméstica. No entanto, é necessário que mais pesquisas possam aprofundar tais aspectos considerando outras variáveis e associá-las como a personalidade, tendência à agressividade, entre outros construtos da psicologia.

Caracterização de Personalidade

Os fatores de personalidade podem ser classificados em Alto, Baixo, Médio, Muito Alto e Muito Baixo conforme os percentis de cada fator (Tabela 3). De maneira

geral, nos resultados dos BFP de personalidade quanto à classificação de intensidade aquela que apresentou maior mais frequência foi o Médio, com porcentagem iguais em Neuroticismo (43,3%) e Abertura (43,3%), 40% em Realização, e porcentagens iguais em Extroversão (30%) e Socialização (30%). Quando se analisa todos os fatores (conforme tabela 3) observa-se que o fator com maior frequência na intensidade mais alta (Muito Alto) é Realização com 40% dos participantes e nenhuma frequência na intensidade mais baixa (Muito Baixa).

Tabela 3

Frequência e Classificação dos Percentis para cada fator da Bateria Fatorial

da Personalidade (BFP).

Fatores da BFP	Frequência	%
Intensidade Neuroticismo		
Alto	6	20,0
Baixo	2	6,7
Médio	13	43,3
Muito Alto	4	13,3
Muito Baixo	5	16,7
Intensidade Extroversão		
Alto	8	26,7
Baixo	5	16,7
Médio	9	30,0
Muito Alto	4	13,3
Muito Baixo	4	13,3
Intensidade Socialização		
Alto	5	16,7
Baixo	9	30,0
Médio	9	30,0
Muito Alto	1	3,3
Muito Baixo	6	20,0
Intensidade Realização		
Alto	4	13,3
Baixo	2	6,7
Médio	12	40,0
Muito Alto	12	40,0
Muito Baixo	0	0
Intensidade Abertura		
Alto	1	3,3
Baixo	7	23,3

Médio	13	43,3
Muito Alto	1	3,3
Muito Baixo	8	26,7

Neuroticismo

Observa-se que os resultados no Neuroticismo, apesar da maioria dos participantes estarem na classificação Média (20%), encontram-se em Alto, 13,3% e em Muito alto, 16,7%, o que revela que a maioria dos autores de violência doméstica Alto e Muito Alto tem 33,3%. No que diz respeito ao traço Neuroticismo, os autores de violência apresentam como principais características a instabilidade emocional, dificuldade em lidar com situações de estresse e baixa capacidade de elaboração de estratégias de autorregulação (Jardim, 2024). Essas características podem se relacionar à violência, já que segundo a literatura o alto neuroticismo aparece com correlacionado significativamente para violência (Dias, 2016; Kazeem, 2014).

Na pesquisa de McNulty e Hellmuth (2008), esposas e maridos (N=169) que apresentaram níveis de neuroticismo mais altos estes estavam relacionados a maiores níveis de violência por parceiro íntimo, principalmente sendo moderadas por fatores contextuais como altos níveis de estresse e tempo de relacionamento. Sobre homens que praticam violência sexual contra as parceiras, mais especificamente a coerção sexual, os níveis mais altos de neuroticismo também indicaram predição para esse tipo de violência (Daspe, Sabourin, Godbout e Hébert, 2015). Conforme o estudo de Schneider (2014) a violência se relacionou à busca excessiva pela aprovação e aceitação da parceira em que respostas de rejeição aumentam o risco de violência pelo parceiro, tal aspecto está relacionado a faceta vulnerabilidade do Neuroticismo.

Na revisão de artigos de Dorling, Onifade e Browne (2024), os traços de personalidade e a violência por parceiro íntimo foram investigados em 12 estudos, um deles relatou baixa estabilidade emocional para o sexo masculino, correlacionada a violência física, e três dos artigos relataram que a violência física estava correlacionada ao neuroticismo em homens, embora a correlação não esteja presente no autorrelato masculino.

Em estudos que não estão no contexto de relacionamento amoroso, o neuroticismo também aparece como preditor para a violência, por exemplo, no estudo de Otieno, Onderi e Awuor (2021) envolvendo adolescentes que praticaram violência, o neuroticismo se correlacionou significativamente com a violência. No estudo de Carvalho e Nobre (2013) homens autores de violência contra crianças e homens que praticaram estupro também apresentaram níveis significativos de neuroticismo quando comparado a criminosos de outra natureza, sugerindo uma relação entre os traços de personalidade de neuroticismo e o tipo de violência praticada. Por outro lado, o neuroticismo não se correlacionou significativamente com a violência doméstica na pesquisa de Ajodo (2021) bem como, na pesquisa de Pessoa, Frazier e Simpson (2024), o neuroticismo não se relacionou a violência sexual praticada por homens participantes da pesquisa.

Na pesquisa realizada por Ajodo (2021), com 40 indivíduos (20 homens e 20 mulheres) da cidade de Gudi, no estado de Nasarawa, na Nigéria, foi utilizado o BFP como instrumentos para avaliar e comparar traços de personalidade entre homens e mulheres. Os principais achados revelaram diferenças significativas entre a pontuação do fator Neuroticismo, uma vez que homens apresentaram baixa pontuação neste fator

e mulheres relataram altos escores. A principal hipótese para estes achados, diz respeito ao fato de mulheres expressarem mais seus sentimentos quando algo as incomoda, diferentemente dos homens, que tendem a guardar para si e expor somente em momentos de alto estresse (Pessoa, Frazier e Simpson, 2024).

Extroversão

Quanto à Extroversão, a maioria dos autores de violência (51,2%) obtiveram classificação média (30%), e o restante se distribui em Alto (26,7%), Baixo (16,7%), Muito Alto (13,3%) e Muito Baixo (13,3%). O resultado parece seguir uma tendência, quando se avalia o fator Neuroticismo, uma vez que os dados também se concentraram nas classificações de Médio a Muito Alto. Quanto mais alto a intensidade da extroversão mais a pessoa demonstra maior comunicação, podendo sentir necessidade da atenção das pessoas, demonstrar suas habilidades com maior facilidade, ter iniciativa em atividades e ter maiores interações sociais, caracterizado como pessoas mais sociáveis (Costa e McCrae, 1992; Noronha, 2008; Nunes et. al, 2001).

Na pesquisa experimental de Marot (2021), encontrou-se diferenças em níveis de extroversão entre homens e mulheres, mas tendo como dado a maior identificação por parte dos homens de características de extroversão, isto é, mesmo que os homens tenham habilidades de reconhecimento da extroversão, não expressam esse fator tão facilmente. Na tese de Picado (2018), apesar de não haver diferenças mediadas por gênero na Extroversão, houve correlação significativa entre saúde mental e Extroversão, e esta apareceu como preditora de saúde mental masculina, ou seja,

homens mais extrovertidos tendem a serem mais saudáveis mentalmente. Além disso, a Extroversão também aparece como correlacionada a afetos positivos, em contrapartida aos níveis de neuroticismo que estão correlacionados aos afetos negativos (Noronha, Martins, Campos e Mansão, 2015; Noronha, Lamas e Barros, 2016; Castanheira e Simões, 2018).

Na literatura a Extroversão não aparece como preditora de violência, nos estudos de Karugahe (2019), os homens autores de violência doméstica tiveram menor pontuação em extroversão comparada às vítimas e às mulheres que praticaram violência doméstica. Tais achados corroboram os estudos de Ajodo (2021) em que a extroversão se correlacionou de maneira inversa, indicando que quanto maiores os níveis de extroversão menores os níveis de violência.

Na literatura científica os autores de violência apresentam poucas habilidades socioafetivas e até transtornos de personalidade antissocial (Baúto, Almeida, Costa e Gama, 2019; Craig, 2003; Gibbons, Collins e Reid, 2011) indicando níveis baixos de extroversão. A principal hipótese para estes achados está ligada ao fato de que, baixos níveis de extroversão podem resultar em um indivíduo com maior tendência ao isolamento social, dificuldade em expressar suas emoções, sensibilidade ao estresse, baixa tolerância à frustração e dificuldades em lidar com conflitos (Ajodo, 2021).

Socialização

No que concerne à Socialização, a intensidade Médio e Baixo demonstraram o mesmo percentil de 30% cada, em Muito Baixo 20%, em Alto 16,7% e (3,3%) Muito Alto. Dessa forma, os resultados se concentram, em maior parte, em intensidades médias a muito baixas, demonstrando que autores de violência podem ter baixas

habilidades de socialização. A Socialização, de maneira geral, pode indicar que pessoas com altos níveis desse fator tem como características confiar em outras pessoas, maior empatia, compreensão, preocupação com o bem-estar alheio e menor transgressões por leis e normas sociais (Costa & McCrae, 1992; Nunes, 2005)

Na literatura científica, a Socialização, também chamada de Amabilidade, aparece como característica presente em menores níveis em homens em comparação às mulheres (Löcknhoff et al., 2014). Na revisão de Peixoto e Meneses (2018), a Socialização aparece como relacionada a habilidades sociais positivas, como o autocontrole da agressividade. De modo coerente a essa pesquisa Noronha, Lamas e Barros (2016) obteve o resultado de Socialização correlacionada negativamente com afetos negativos, indicando que pessoas que experienciam maiores sensações desprazerosas têm maior probabilidade de serem hostis e terem atitudes opostas ao relacionados a Socialização. Ainda, a Socialização também aparece como preditor de saúde mental nos homens segundo Picado (2018) e não está associada a comportamentos violentos conforme o estudo de Dias (2016).

Realização

O fator Realização, também chamado de Conscienciosidade, obteve maiores frequências em Médio (40%) e Alto (40%), tendo (6,7%) no nível Baixo e nenhuma frequência em Muito Baixo. Esses dados revelam que os autores de violência doméstica podem apresentar baixa expectativa para o futuro, pouca motivação para realizar seus objetivos e baixa assertividade em expressar-se, que são as principais características ligadas ao traço de Realização (Sokolovsk, Dinić e Tomašević, 2018). Nas entrevistas realizadas por Sokolovsk, Dinić e Tomašević (2018) com 573 homens

apresentaram altas pontuações no traço Realização, e essa mesma quantidade de participantes também apresentou altas pontuações no traço Neuroticismo. A pesquisa de Picado (2018), a Realização também foi menor nos homens (N=128) comparada às mulheres da pesquisa (N=202). Segundo Noronha, Lamas e Barros (2016), a Realização pode estar relacionada com afetos positivos, que experimentam sensações prazerosas e estados de alta energia, apresentam características de mais organização e persistência e, de forma coerente aos dados da presente pesquisa. Segundo o estudo de Dias (2016), encontrou correlações nulas entre violência conjugal e a população jovem, com a faixa etária similar dos autores de violências entrevistados para o presente estudo. Pesquisas feitas sobre a saúde mental e a Realização por Carrapatoso (2019), acharam uma correlação inversa com sintoma ansioso, quer dizer, quanto maior os níveis de Realização, menor os sintomas negativos da ansiedade.

Abertura

A Abertura a Experiência teve sua maior frequência na intensidade Média (43,3%), seguido por Muito Baixo (26,7%), Baixo (23,3), e porcentagem iguais em Alto e Muito Alto, com 3,3% em cada. Sendo assim, juntos, a maioria dos participantes ficaram nas intensidades abaixo da intensidade média, somando 50% nas intensidades Baixo e Muito Baixo. Na pesquisa de Picado (2018) não houve efeito de diferença entre gêneros para Abertura. A Abertura também se mostrou positivamente correlacionada com afetos positivos em Noronha, Lamas e Barros (2016). A Abertura apareceu ainda como preditora de sintomas ansiosos, e na pesquisa de De Melo Cavestro, Franco e Garbocci (2024) este fator não aparece correlacionado com o bem-estar. No entanto, na pesquisa de Bender e Pureza (2024) e Thurackal, Corveleyn

e Dezutter (2016) a abertura a experiência se relaciona a aspectos da autocompaixão devido a uma maior experiência de sentimentos mais intensos, até mesmo os considerados negativos, como raiva. De maneira geral, o perfil de personalidade dos autores de violência doméstica nesta pesquisa apresenta uma tendência a comportamentos ligados ao neuroticismo, como instabilidade emocional e impulsividade, principalmente em momentos de estresse. Aspecto sinalizado que os autores de violência com a intensidade mais alta de neuroticismo são os mais prováveis de perpetrar a violência (Daspe *et. al.*, 2015; Dias, 2016). Os participantes também revelaram maior tendência à sociabilidade e comunicação, diferentemente da literatura (Karugahe, 2019; Souza, 2022), indicando uma maior necessidade de investigação da Extroversão e sua relação com a violência perpetrada. Outrossim, apesar dos resultados indicarem uma tendência à extroversão, a maioria dos resultados de Socialização indicam que os participantes podem ter poucas habilidades de socialização, com expressões da raiva mais agressivas, baixo autocontrole e menos sentimentos empáticos, fatores protetores a prática de violência (Noronha, Lamas e Barros, 2016; Gregori, Filho e França, 2022).

Ainda, essa amostra demonstra altos aspectos de Realização, que indicam persistência no alcance de metas e organização (Silva e Nakano, 2011) que podem ser positivas nas atividades propostas nas intervenções que o grupo de autores de violência foi exposto. Em contraponto, a Abertura de Experiência foi baixa na atual amostra, que diz respeito ao grau de abertura frente às mudanças além da disponibilidade para entrar em contato com a experiência em si, caracterizando menor flexibilidade para adotar valores diferentes aos seus (Silva e Nakano, 2011; Dias,

2016).

Caracterização das Tendências Agressivas

Em relação às Tendências Agressivas, o manual de avaliação apresenta três condutas, de modo que a primeira diz respeito às condutas antissociais, chamadas de subescala A, e são comuns a ambos os sexos. A segunda é à agressividade verbal e hostilidade, denominada subescala B e são comuns ao sexo feminino, e a terceira, às condutas de agressividade física, comuns ao sexo masculino, nomeadas por subescala C.

Em relação às condutas, dentre os participantes da pesquisa, oito homens apresentaram prevalência na conduta A, 13 homens obtiveram a conduta B como prevalente e nove homens apresentaram predominância na conduta C. Estes dados revelam que, dentre os 30 entrevistados, a conduta com maior prevalência é referente à agressividade verbal e hostilidade, como pode ser visto na Tabela 4. Este resultado pode ser explicado devido à particularidade da amostra: os autores de violência contra mulher desta pesquisa foram sentenciados a violências consideradas de menores riscos ou grau de severidade, como violências verbais, sendo sentenciados a uma medida alternativa, como o grupo reflexivo.

Tabela 4

Frequência, Média e Desvio Padrão por conduta da EATA.

EATA	Frequência	Média	DP
Conduta Agressiva A	8	3.13	1.61
Conduta Agressiva B	13	3.07	2.67
Conduta Agressiva C	9	1.80	1.95

A conduta B na escala confirma, os homens utilizaram xingamentos e violência psicológica contra as vítimas, conforme os seus relatos durante as entrevistas e nos dados em seus prontuários. Tal resultado sinaliza que são homens que praticaram violência com um grau de severidade baixo, como o próprio dado revela. Este fato está associado ao próprio contexto em que os participantes são acompanhados, pois mesmo sendo enviados pela justiça não são homens que praticaram violência doméstica com grau de severidade alto como o feminicídio.

Estes dados podem ser comprovados por meio dos estudos de Apolinário, Mendoza e Jardim (2025), que avaliaram a agressividade entre 245 estudantes (homens e mulheres do ensino médio) de escola pública que haviam cometido algum tipo de violência em contexto escolar. Dentre as três condutas, as mais comuns foram os referentes a hostilidade (agressão verbal), referentes as condutas comuns ao sexo feminino (B). No entanto ressalta-se que a população não é adulta e que o estudo em questão se refere a fase do ciclo de vida distinta dos participantes pesquisados nesta dissertação.

Outro dado de suma importância para a caracterização das tendências agressivas, é a frequência da classificação geral dos homens entrevistados. Em relação a classificação Agressividade Abaixo da Média, 27 autores de violência doméstica se encaixaram na pontuação. Ademais, Agressividade Média-Alta foi obtida por um participante e Agressividade Alta, dois, como pode ser visto na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5

Frequência por classificação geral da EATA.

Classificação	Frequência	%
Abaixo da Média	27	90,0
Média-Alta	1	3,3
Alta	2	6,7

Estes dados mostram que, em sua maioria, autores de violência contra a mulher em contexto doméstico nesta amostra, não são caracterizados com alta agressividade, de modo a apresentar pontuações abaixo da média. Isto revela que a tomada de decisão em utilizar a violência como resolução de problema, pode estar associada a fatores psicológicos, como baixos níveis de autocontrole e dificuldade em tomada de decisão em situações de estresse, conforme Rebelo (2021).

Outro ponto a ser levado em consideração, é que dentre os 30 homens pesquisados, dois apresentaram perfil de agressividade alta, de modo a utilizar a violência como algo corriqueiro e cotidiano, com alta frequência de emissão de comportamentos violentos, principalmente violência física, como tapas, empurrões e socos. Os dados desta pesquisa são corroborados por estudos realizados por Jardim (2024) e Rebelo (2021), os quais pesquisaram sobre agressividade em autores de violência dentro de relações íntimas. Estes tiveram como resultado a prevalência da conduta B, bem como homens que emitem comportamentos violentos com baixa frequência, e de forma esporádica (Jardim, 2024; Rebelo, 2021).

Estes dados revelam que, as tendências agressivas mais comuns foram os referentes ao sexo feminino (B), que, de acordo com Sisto (2019), são caracterizadas por não ter um padrão comportamental pré-estabelecido, uma vez que não emitem tais comportamentos com frequência e de maneira contínua (forma esporádica)

(Agressividade Abaixo da Média), principalmente em momentos de altos níveis de estresse, como discussões acaloradas entre os parceiros íntimos. Outra característica desta conduta é a violência verbal e hostilidade (Apolinário, Mendoza e Jardim, 2025), de modo a não ter violência física em todos os 30 casos analisados na presente pesquisa.

Diante do exposto, entende-se que a violência física possivelmente é utilizada em última instância quando se trata de violência doméstica, como afirma Jardim (2024) em seu estudo sobre personalidade e agressividade com 581 homens do grupo de sargentos da Polícia Militar. Para justificar tais achados, pode haver relação com o fato de que marcas na pele na cor roxa e hematomas deixados no corpo da vítima após a violência são mais visíveis. Em contrapartida, violência verbal, psicológica, falas hostis e xingamentos, torna-se despercebida por ser consideradas violências silenciosas e invisíveis, de modo a dificultar a comprovação de tal violência (Rebelo, 2021; Zeferino, 2020; Gibbons & Reid, 2011; Caldeira, 2012) o que revela característica de uma amostra dos participantes desta pesquisa.

Em paralelo ao exposto, outra questão para que a tendência a agressividade (B) tenha prevalecido em homens autores de violência doméstica, diz respeito a triagem na qual os participantes são expostos, de modo a participar dos grupos reflexivos homens que apresentam maiores chances de ressocialização (mediante a análise de antecedentes criminais), bem como a interpretação do juizado responsável em julgar tais crimes como mais brandos e com baixas chances de ferir a integridade física da vítima (Zeferino, 2020).

Correlação entre traços de Personalidade e às Tendências Agressivas

Nesta parte dos resultados optou-se por apresentar os dados correlacionados por cada traço da personalidade com a tendência agressiva: Neuroticismo, Extroversão, Socialização, Realização e Abertura com a escala A, B e C, respectivamente.

Neuroticismo

No fator Neuroticismo, responsável por avaliar habilidades emocionais, foram encontradas correlações significativas, fraca e moderada, ambas positivas entre as condutas agressivas A e B (Tabela 6) respectivamente, as quais representam pessoas com comportamentos antissociais (agir impulsivamente e mentir) e que se aproveitam da fraqueza das pessoas para benefício próprio. Nos estudos feitos por Cataldo *et al* (2019), constatou-se que é comum entre relacionamentos abusivos, o parceiro se aproveitar de fatores econômicos, psicológicos e patrimoniais da vítima. De acordo com os relatos dos homens entrevistados, todos os 30 alegaram ter agido por impulso e sem pensar.

Tabela 6

Correlações entre o traço de personalidade Neuroticismo, suas subescalas e as três Tendências Agressivas.

Fator	Conduta A		Conduta B		Conduta C	
	Valor					
	r	P	r	P	r	P
Neuroticismo (N)	0,376	0,041*	0,493	0,006*	0,193	0,308
Vulnerabilidade (N1)	0,176	0,352	0,288	0,122	0,032	0,868
Instabilidade Emocional (N2)	0,284	0,128	0,471	0,009*	0,267	0,154
Passividade (N3)	0,423	0,020*	0,288	0,123	0,262	0,462

Depressão (N4)	0,262	0,161	0,475	0,008*	0,288	0,288
----------------	-------	-------	-------	--------	-------	-------

Nota: *A correlação é significativa no nível 0,05. **A correlação é significativa no nível 0,01.

No fator Instabilidade Emocional com a conduta B houve correlação significativa moderada e positiva entre elas, de modo que características de variação de humor, irritabilidade e nervosismo estão correlacionadas de maneira moderada com às condutas B, relacionadas a comportamentos antissociais, falsidade na expressão de sentimentos e uso das fragilidades de terceiros para benefício próprio. No estudo feito por Stenzel (2019), constatou-se que um dos autores de violência não sabia lidar com altos níveis de estresse e por isso justificou a violência como culpa da vítima, que o estressou ao iniciar uma discussão, de modo a confirmar as correlações existentes entre instabilidade emocional e condutas agressivas.

No fator Passividade houve correlação significativa moderada e positiva com a conduta agressiva referente a ambos os sexos (Conduta A). Isso revela que os comportamentos de procrastinação estão diretamente ligados a condutas agressivas de forma constante e padronizadas, com intuito de magoar terceiros e alcançar seus próprios objetivos (Sisto, 2019). Nos estudos feitos por Freitag e Bauer (2016) e por Monteiro *et al.* (2022), com 283 homens, constatou-se que pequenas discussões do dia a dia, como a esposa solicitar a mesma coisa para o marido fazer (principalmente tarefas de casa), levava a discussões mais calorosas devido ao fato do homem não realizar o que lhe era pedido, gerando desgaste e insatisfação por parte da mulher.

Durante os grupos reflexivos, diversos temas eram tratados, como autoconfiança, ciúmes, desconstrução da figura social do homem, dentre outros. Os homens eram instigados a falar sobre, dando seu relato pessoal a respeito, e em um

dos grupos, cujo tema era autocuidado, os autores de violência relataram não ter tempo ou interesse para realizar alguns atos de autocuidado, como ir a consultas médicas ou comprar roupas novas. Isso era algo que, segundo os assistidos, a parceira trazia para as discussões do casal com alta frequência, o que os deixavam estressados, porém ainda desmotivados para realizar estas ações, e usavam para justificar a procrastinação de auto cuidados a queixa frequente da parceira, de modo a gerar mais atrito entre o casal, até o fato da violência em si, como afirma Freitag e Bauer (2016) e Monteiro *et al.* (2022).

Na última faceta do Neuroticismo, Depressão, houve correlação significativa moderada e positiva com a Conduta B, de modo que itens do teste de personalidade ligados à depressão referem-se ao quanto o indivíduo lida com as experiências que ocorrem ao longo da sua vida (desesperança e baixas expectativas sobre o futuro), estão diretamente ligados a pessoas que sentem prazer em punir o outro e tem diversas maneiras de intimidar o parceiro, como verbal e fisicamente. O estudo feito por Freitag e Bauer (2016) e Monteiro *et al.* (2022) corroboram os dados encontrados, pois os autores de violência entrevistados justificaram a agressão como “ela fez por merecer” devido o perpetrador pensar que a vítima provocava intencionalmente ciúmes aos seus cônjuges, sendo uma forma de castigá-las.

Os estudos de Freitag e Bauer (2016) e Monteiro *et al.* (2022), os quais encontraram a correlação de comportamentos agressivos ao traço Neuroticismo, confirmam os dados encontrados nesta pesquisa, a qual também identificou a correlação entre instabilidade emocional e comportamentos impulsivos.

Outros estudos que corroboram os dados encontrados, são os de Sharpe e

Desai (2001), Apolinário, Mendoza e Jardim (2025) e Rebelo (2021), os quais correlacionam personalidade e tendência agressivas entre autores de violência doméstica. Nestes estudos, foram encontradas correlações positivas entre Neuroticismo e raiva e hostilidade por parte dos parceiros íntimos perpetradores de violência doméstica, bem como revelaram que indivíduos com altos escores em Neuroticismo têm maiores chances de perpetrar violência contra sua parceira íntima (Rebelo, 2021).

Isto revela que o neuroticismo é o principal preditor em autores de violência doméstica (Moreira et al., 2019), pois identificou-se entre os autores a dificuldade em lidar com as próprias emoções. Tais dificuldades estão correlacionadas com a emissão de comportamentos violentos, principalmente no que diz respeito a comportamentos antissociais, como mentir, e agressividade verbal, como xingamentos (Rebelo, 2021). Outros autores, como Cascardi et al., (2018) verificaram também que a impulsividade (principal característica do traço Neuroticismo) estava relacionada tanto com ameaças, quanto com agressões físicas contra a parceira, principais condutas agressivas encontradas no presente estudo, de modo a reforçar os resultados alcançados nesta pesquisa.

Extroversão

No traço responsável por avaliar o quanto o indivíduo se expõe a novas experiências e mostra-se assertivo ao expor suas opiniões, não foram encontradas correlações significativas com as condutas (ver Tabela 7), de modo a não corroborar com a literatura da área.

Tabela 7.

Correlações encontradas entre o traço de personalidade Extroversão, suas subescalas e as três Tendências Agressivas.

Fator	Conduta A		Conduta B		Conduta C	
	Valor					
	r	P	r	P	r	P
Extroversão (E)	0,201	0,288	-0,194	0,30	0,305	0,101
Comunicação (E1)	0,129	0,496	-0,137	0,471	0,099	0,604
Altivez (E2)	0,337	0,069	0,101	0,596	0,336	0,069
Dinamismo (E3)	0,314	0,091	0,123	0,516	0,262	0,162
Interações Sociais (E4)	0,051	0,788	-0,180	0,342	-0,274	0,143

No estudo realizado por Komasi, Saeidi, Soroush e Zakiei (2016), o qual teve como objetivo investigar a relação entre os sistemas comportamentais do cérebro e as características do modelo de cinco fatores de personalidade com a agressão entre 360 alunos da Universidade de Razi, no Irã, foi encontrada uma relação negativa entre o traço Extroversão e agressividade.

Isso revela que quanto menos um indivíduo se expõe a novas experiências, maior será seu repertório comportamental ligado a agressividade, deixando o indivíduo limitado em relação às estratégias de enfrentamento, de modo a utilizar de violência como resolução de problemas. (Skinner, 2000). Uma das possibilidades que dificulta que o indivíduo experencie novos ambientes, por exemplo, é a rigidez quanto a mudança, principalmente de valores sociais (Sisto, 2019), como a cultura machista de subjugação da mulher em relação ao homem (Komasi, Saeidi, Soroush e Zakiei 2016).

Entretanto, outros estudos apontam uma correlação significativa positiva entre extroversão e tendência agressiva, uma vez que estes homens conseguem manter o

comportamento violento, bem como mantê-lo em silêncio, pois são mais sociáveis, ativos, otimistas e afetuosos, principais características do traço Extroversão (Moreira et al., 2019; Ulloa et al., 2016; Yalch et al., 2020). De encontro a esses achados, os dados da atual pesquisa revelam que o traço Extroversão não influencia de forma significativa na emissão de comportamentos violentos e na perpetração da violência doméstica.

Isto pode revelar que os encontros com os Grupos Reflexivos realizados na Defensoria Pública auxiliam podem estar atuando eficazmente na prevenção da violência contra mulher, uma vez que têm como um dos objetivos, desenvolver diversas habilidades nos participantes que os ajudam na diminuição da emissão de comportamentos violentos. Dentre estas habilidades, têm-se as habilidades sociais, como a empatia, a qual contribui para a prevenção da violência doméstica (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005). Outro fator que reforça a eficácia do projeto, são os dados a partir de 2022, que confirmam o baixo índice de reincidência dos assistidos, como afirma a Defensoria Pública do Estado do Pará (2022).

Socialização

No fator Socialização, duas correlações significativas foram encontradas, sendo com a conduta A fraca e negativa e outra referente a conduta B, moderada e negativa (Tabela 8).

Tabela 8

Correlações entre o traço de personalidade Socialização, suas subescalas e as três Tendências Agressivas.

Fator	Conduta A		Conduta B		Conduta C	
	Valor					
	r	P	r	P	r	P
Socialização (S)	- 0,390	0,033*	- 0,545*	0,002**	- 0,254	0,176
Amabilidade (S1)	- 0,414	0,023*	- 0,499*	0,005**	- 0,291	0,119
Pró-Sociabilidade (S2)	- 0,053	0,781	- 0,314	0,091	0,042	0,826
Confiança nas Pessoas (S3)	- 0,333	0,072	- 0,342	0,064	- 0,199	0,292

Nota: *A correlação é significativa no nível 0,05. **A correlação é significativa no nível 0,01.

No que diz respeito à correlação com a conduta A, quanto mais alto traço de socialização forem as características de personalidade neste item, menor serão as condutas agressivas do tipo A. Isso implica dizer que, quanto menos altruísta o indivíduo for (principal característica do traço Socialização), mais condutas a agressão ele apresentará, de modo a ter dificuldade em confiar no parceiro e desconfiar constantemente das intenções dos demais ao seu redor (principais comportamentos antissociais da conduta A). Esse fato pode ser constatado nos estudos de Hosie et al. (2014), que encontrou correlação entre agressividade e Socialização em 55 autores de violência.

Dentre os homens entrevistados na presente pesquisa foi comum o relato de que a mulher “dava motivos” para sentir ciúmes e desconfiança, e que apresentavam alguns comportamentos, como se preocupar com a saúde do parceiro, por interesse (o qual era associado ao dinheiro do autor da violência). Desse modo, os autores de violência demonstram constante desconfiança em relação a sua parceira, como afirma a literatura (Hosie et al, 2014; Jardim, 2025; Caldeira, 2012) e os dados encontrados nesta pesquisa.

No que diz respeito à correlação Socialização e a conduta B foi significativa, moderada e negativa. Indivíduos com pontuação nos itens relacionados à socialização, apresentam dificuldade em ser leais aos demais, bem como apresentam baixos níveis de

altruísmo e dificuldade em seguir normas e leis. Ademais, devido a correlação negativa, quanto menor a pontuação em Socialização, maior será a emissão de tendências agressivas ligadas ao sexo feminino, como manipulação, vingança e violência verbal.

Os homens entrevistados relataram, por meio dos itens da Bateria Fatorial da Personalidade, transgrediram algumas leis, como dirigir após ingerir bebida alcoólica, sem se preocupar com as possíveis consequências. E, por meio da Escala de Avaliação de Tendências Agressivas, também afirmaram manter relações sexuais com mais de uma parceira sem preservativo, de modo a não se preocupar com a saúde do cônjuge. De maneira geral, os dados encontrados na pesquisa confirmam os estudos já realizados nessa área, os quais afirmam que homens com histórico de transgressão de lei e uso excessivo de álcool e outras drogas, tendem a apresentar mais chances de emitir comportamentos agressivos contra terceiros (Bustamante, et. al, 2016).

No fator Amabilidade, as correlações existentes foram significativas, moderadas e negativas e com duas condutas, A e B. Isso implica dizer que, homens menos atenciosos e empáticos, com dificuldade em compreender o outro e que demonstram baixa preocupação com as demandas da parceira, tendem a apresentar condutas agressivas, porém relacionadas a violência física e verbal.

Em um estudo feito por Hosie et al. (2014), constatou-se que a agressão mais comum dentre os 55 homens entrevistados, foi a verbal, devido à dificuldade em confiar na parceira, insegurança e o ciúme do homem em relação a outros homens próximos ao cônjuge. Ressalta-se novamente a justificativa utilizada pelos autores de violência referente ao medo de perder a companheira e a dificuldade de lidar com sentimentos negativos. Por fim, é possível afirmar que, a ausência de uma dinâmica familiar que garanta acolhimento e

suporte afetivo, torna-se motivador para que os indivíduos não sejam adeptos às normas e leis, de modo a cometer delitos, como violência e homicídios (Formiga, 2013).

Pró-Sociabilidade não apresentou correlações significativas com as condutas, de modo a representar indivíduos que evitam confrontar as leis, quebrar regras sociais e morais, tendem a não apresentar consumo excessivo de álcool, bem como não apresentam comportamentos hetero lesivos (Loukas, Krull Chassin & Carle, 2000). Por fim, o último fator, Confiança nas Pessoas, também não obteve correlações significativas, de modo a representar indivíduos que não tem dificuldade em confiar no outro e tendem a não desconfiar das intenções de terceiros em relação a si. Os dados desta pesquisa são corroborados por meio dos estudos de Stenzel (2019), o qual entrevistou homens autores de violência física contra suas parceiras. Estes afirmaram que a agressão ocorreu por não saber lidar com a separação, insegurança em perder a parceira e medo de estar sendo enganado ou prejudicado pelo cônjuge. As principais violências sofridas pelas mulheres foram a física, com empurrões, tapas e socos, e a psicológica, com xingamentos, chantagem emocional e manipulação (Stenzel, 2019), sendo complementar a presente pesquisa, uma vez que foram os tipos de violências identificadas entre os autores de violência doméstica nesta pesquisa.

Realização

Neste traço, apesar de não ter sido encontrado correlação significativa, nas facetas foram encontradas duas correlações significativas. Competência com a conduta C (significativa, fraca e negativa), e empenho com a conduta C (tendência agressivas masculinas) (significativa, fraca e negativa), como pode ser percebido na Tabela 9.

Tabela 9

Correlações encontradas entre o traço de personalidade Realização, suas subescalas e as três Tendências Agressivas

Fator	Conduta A		Conduta B		Conduta C	
	Valor					
	r	P	r	P	r	P
Realização (R)	- 0,123	0,518	- 0,330	0,075	- 0,288	0,122
Competência (R1)	- 0,151	0,426	0,310	- 0,096	- 0,385	- 0,036*
Ponderação (R2)	0,023	0,904	- 0,164	- 0,385	0,031	- 0,872
Empenho (R3)	- 0,151	0,426	- 0,310	0,096	- 0,385	0,036*

Nota: *A correlação é significativa no nível 0,05. **A correlação é significativa no nível 0,01.

No que diz respeito ao fator competência, sua correlação é negativa com a conduta C, de modo que, quanto mais ativo o indivíduo é para alcançar suas metas e fazer sacrifício para isso, menor será a emissão de tendências agressivas, como manipulação e chantagem com a parceira. Neste ponto, a pesquisa revelou que os entrevistados tinham poucas expectativas em relação ao seu futuro, de modo a não acreditar que algo mudaria sua vida. O que confirma os dados encontrados, uma vez que os escores neste fator (competência) foram baixos, de modo que a pontuação nas tendências agressivas foi alta.

Por outro lado, na correlação existente entre Empenho e conduta C, encontra-se um indivíduo detalhista, perfeccionista e motivado para realizar suas tarefas profissionais/acadêmicas, bem como um indivíduo com baixas tendências agressivas, principalmente relacionadas a controle e insegurança, uma vez que este se sente seguro em relação a seu cônjuge. Esses dados vão de encontro aos estudos de Grippe (2021), o qual relacionou os traços de personalidade com as tendências agressivas, porém não encontrou relação com o traço de realização, bem como

também não encontrou com os demais fatores do traço.

Abertura

No traço responsável Abertura, escores baixos foram encontrados na faceta Liberalismo (significativo, moderado e negativo) (Tabela 10), de modo a representar que os autores de violência são mais rígidos em relação a novos valores e crenças sociais, se consideram conservadores e apresentam pouca responsabilidade com os sentimentos de terceiros.

Tabela 10

Correlações entre o traço de personalidade Abertura, suas subescalas e as três Tendências Agressivas.

Fator	Conduta A		Conduta B		Conduta C	
	Valor					
	r	P	r	P	r	P
Abertura (A)	0,028	0,883	0,116	0,542	- 0,195	0,302
Abertura a Ideias (A1)	- 0,041	0,829	- 0,248	0,187	- 0,245	0,192
Liberalismo (A2)	0,000	0,999	0,046	0,810	- 0,427	0,019**
Busca por Novidades (A3)	0,097	0,610	0,013	0,946	0,286	0,126

Nota: *A correlação é significativa no nível 0,05. **A correlação é significativa no nível 0,01

Por ser uma correlação negativa, significa que, quanto menos aberto a mudanças, diferenças e valores sociais, mais estes indivíduos terão tendências agressivas relativas a controle emocional, baixa responsividade afetiva bem como preconceitos, como machismo e sexismo. Esses dados podem ser observados no estudo feito por Grippe (2021), no qual encontrou correlações negativas entre agressividade e os traços abertura e liberalismo.

Esta pesquisa torna-se coerente aos estudos já feitos pois, por meio dos relatos,

foi percebido uma postura conservadora dos homens em relação às vítimas, pois eles alegavam que “não é coisa de mulher” e “é papel do homem” em meio a aplicação dos testes e durante as reuniões dos grupos reflexivos. Ademais, para além dos relatos, estes homens também alegavam que “época boa era antigamente”, de modo a reforçar os resultados encontrados que revelam traços de personalidade conservadores e rígidos em relação à mudança de valores sociais e morais (Grippe, 2021).

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivos correlacionar traços de personalidade com tendências agressivas, bem como identificar quais traços e tendências são comumente encontradas em homens sentenciados por violência doméstica, como prevê a lei Maria da Penha. Estes objetivos foram alcançados e os resultados corroboram parcialmente com a literatura da área.

Primeiramente, foram encontradas características biossociodemográficas que reforçam a literatura da área, de forma que as principais vítimas de violência doméstica foram as companheiras amorosas dos autores de violência, como namoradas e esposas. Em seguida, os autores de violência se autodeclararam, predominantemente, pretos e pardos, com a faixa etária correspondente de 30 a 45 anos.

No que diz respeito aos traços de personalidade, altos escores em Neuroticismo foram encontrados em 13 participantes, quatro participantes em Extroversão, no traço Socialização um participante obteve pontuação muito alta, 12

em Realização, e um entrevistado alcançou pontuação muito alta em Abertura. Tais resultados reforçam os estudos nesta área, os quais afirmam que autores de violência doméstica apresentam altos índices de neuroticismo, traço responsável pelo equilíbrio emocional e tomada de decisão por impulso. Em relação às tendências agressivas, dentre os 30 participantes, 40% (12 homens) apresentaram a conduta B, sendo a tendência agressiva mais comum entre os autores de violência. Esta é referente a indivíduos que apresentam agressividade por meio de violência verbal, chantagem emocional e violência física, por exemplo, porém de forma esporádica, com baixa frequência e de maneira impulsiva.

Diante dos dados expostos, traça-se as seguintes características: homens com dificuldade de lidar com suas emoções (ciúmes, insegurança), que utilizam a violência como uma forma de solucionar os problemas com a vítima, e tem dificuldade em seguir regras. Outra questão que esta características pode estar ligada ao contexto familiar com pouco ou nenhum acolhimento para as emoções do indivíduo, o que justificaria os altos escores em neuroticismo; a relação com seus cuidadores, a qual pode ter sido disfuncional, sem imposição de limites e reconhecimento de acertos, justificando a alta pontuação no fator socialização; bem como a presença de episódios violentos no contexto familiar, o que justificaria a utilização das tendências agressivas como resolutividade para os problemas.

Diante do exposto, é possível interpretar que os 13 homens que apresentaram a conduta B, não se caracterizam como agressivos ou violentos, pois segundo o próprio manual da Escala de Avaliação de Tendências Agressivas, esses comportamentos de agressividade se apresentam sem um padrão regular de frequência. Em contrapartida,

nove homens apresentaram a conduta C, referente a indivíduos que apresentam um padrão comportamental de violências, tanto verbal quanto física, de modo a se caracterizar como violentos. Estes homens, dentre os 30, seriam considerados de fato perigosos, pois não utilizam a violência de forma impulsiva, e sim como uma resolução de problemas de maneira planejada e pensada.

Para além das tendências, a classificação geral dos indivíduos revela que 90% dos homens apresentaram classificação abaixo da média da sociedade brasileira, de modo a revelar que, mesmo sendo condenados por violência doméstica, estes homens não apresentam um padrão comportamental violento. Isto nos mostra que, autores de violência podem apresentar padrões de comportamentos com baixo grau de severidade, no entanto sempre comportamentos violentos. Tal aspecto pode sinalizar que os autores de violência doméstica apresentam características heterogêneas, o que formas de intervenções distintas, seja individual, seja em grupo.

No entanto, outro aspecto a considerar quanto aos resultados de tendência a agressividade, é a limitação da população pesquisada, sendo os autores de violência que participam do grupo reflexivo no NUGEN já triados a partir do tipo de violência cometido contra mulher, sendo os casos com menos risco de feminicídio e maiores chances de ressocialização a partir da medida alternativa. Sendo assim, é necessário investigar as tendências à agressividade com autores de violências contra mulher que praticaram atos com maior grau de severidade, com hipótese de que o resultado seja diferente conforme o ato praticado.

Em relação às duas variáveis personalidade e agressividade, foram identificadas correlações estatisticamente significativas, de modo a reforçar os estudos

feitos na área, nos quais confirmam a relação entre traços de personalidade e tendências agressivas. O principal traço correlacionado positivamente foi o Neuroticismo, de modo que quanto maior os escores, maior será a tendência em emitir comportamentos agressivos. Neste caso, quanto mais instável emocionalmente um indivíduo for, maior será a emissão de comportamentos violentos, como xingamentos e tapas.

Para além do Neuroticismo, outra correlação foi encontrada entre a Extroversão e as tendências, de forma significativa e negativa. Neste caso, quanto menor for a rede de apoio de um indivíduo, maior será sua tendência agressiva, de modo a apresentar dificuldade em lidar com suas próprias emoções, como ciúmes da companheira, e utilizar da violência como estratégia de enfrentamento.

Além do exposto, Socialização também apresentou correlações significativas, de modo que os homens entrevistados apresentaram baixa pontuação, revelando que estes apresentavam baixo sentimento de altruísmo e alto sentimento de desconfiança em relação a parceira, a qual frequentemente era culpada pelo cônjuge por fazê-lo se sentir mal com ciúmes, por exemplo. O baixo escore em socialização correlaciona-se negativamente com tendências agressivas devido a dificuldade do homem em confiar em terceiros, de modo a gerar comportamentos de controle e chantagem emocional para com a parceira.

Adiante, Realização apresentou correlação negativa com as condutas, de modo que quanto menos focado em realizar seus objetivos e metas, maiores seriam as chances deste indivíduo emitir comportamentos agressivos. Em relação a Abertura, foi

encontrada uma correlação negativa, uma vez que quanto menos abertos a mudanças de valores sociais e morais, por exemplo, maiores eram as tendências agressivas.

Por fim, apesar dos estudos confirmarem que a violência é influenciada pelos traços de personalidade, a violência contra mulher é um problema multideterminado, de modo a existir diversos outros fatores que podem influenciar no ciclo da violência, como biológicos e sociais (Hosie *et al.*, 2014; Sinderman *et al.*, 2018; Warburton & Anderson, 2015; Zhang, Qu, Ge, Sun, & Zhang, *et. al.* 2017). Por isso, é imprescindível que as pesquisas na área continuem, para que se possa entender o fenômeno da violência doméstica e, conseqüentemente, possa pensar em estratégias de enfrentamento mais efetivas e que englobe os dois principais envolvidos: vítima e perpetrador.

Três áreas de atuação para os autores de violência precisam ser pensadas: a primeira, de maneira preventiva, a segunda, o acompanhamento durante o processo da violência já praticada, e a terceira está relacionada ao monitoramento e acompanhamento dos autores de violência doméstica. A prevenção, para além de saber lidar com o problema, é preciso pensar em como evitar que estes homens sigam cometendo crimes contra a mulher, seja por meio da desconstrução da masculinidade machista ou por meio de políticas públicas, como formação para jovens de ambos os sexos. A discussão sobre estruturas, como machismo, racismo e misoginia, bem como sobre a violência, e o estudo de habilidades emocionais devem estar presentes na estrutura educacional brasileira, isso porque, conforme a literatura discutida, as características biológicas, sociais e psicológicas estão fortemente relacionadas. Por isso, de modo a fornecer a prevenção, habilidades críticas e de regulação emocional

devem estar nos ensinos básico e fundamental, como as capacidades de identificar situações de violência, e lidar com sentimentos e comportamentos agressivos que devem ser estimulados a partir de espaços educacionais e de formação cidadã.

A segunda ação, referente ao acompanhamento, é necessário acolher e cuidar da vítima, mas paralelo a isso, é preciso intervir junto ao autor de violência, para que esse padrão de comportamentos violentos seja extinto de seu repertório comportamental. Isso é, investigar as motivações do autor e as características agravantes para a situação de violência, além de apresentar novos comportamentos frente a experiência de sentimentos, como raiva, frustração e ciúme. Acredita-se que isso possa ser feito a partir de grupos reflexivos, onde, além de poder compartilhar aspectos pessoais, é uma oportunidade de expressar sentimentos e receber a devolutiva de pares, destacando, ainda, os níveis de zero reincidência das práticas de violência a partir dos grupos.

O terceiro aspecto é o monitoramento. É importante considerar que o autor de violência doméstica pode voltar a conviver com sua vítima, além de que em futuras relações o padrão de comportamento se repita, assim, além de um trabalho interventivo como destacado no parágrafo anterior, é essencial acompanhar as reincidências de casos de violência com um trabalho longitudinal como visitas domiciliares espaçadas e entrevistas com os cônjuges em períodos diferentes após cumprimento de medidas para violência doméstica.

Esta pesquisa apresentou algumas dificuldades que limitaram a realização conforme o planejamento. A primeira questão está relacionada à rotatividade e baixa frequência dos homens durante os grupos reflexivos, de modo a dificultar o encontro

com estes. Além disto, questões estruturais, como o espaço físico disponível, também foram impasses para a realização da pesquisa, uma vez que havia somente uma sala disponível para que as entrevistas ocorressem. Uma terceira limitação está relacionada às características da amostra da população, pois os casos com grau de severidade alta não foram possíveis de ser acessados, uma vez que essa população se encontra no sistema penitenciário.

Esta pesquisa, além de elucidar questões científicas, propõe que futuros estudos possam abordar aspectos considerados constructos da Psicologia, como empatia, força de caráter, distorção cognitiva, fatores de risco para reincidências. Outra proposta é que os participantes possam ser acessados considerando aspectos que envolvam feminicídio, assim como realizar trabalhos com as vítimas dos próprios autores de violência.

Esta pesquisa trouxe contribuições para três áreas: teórica, acadêmica e social. Na área teórica e acadêmica, a ausência de estudos sobre personalidade, principalmente utilizando testes psicológicos, mostra uma lacuna teórica no entendimento de autores de violência doméstica, dessa forma, este trabalho contribui com dados inaugurais, que promove novas concepções de pesquisa acadêmicas, como pesquisas que explorem de maneira mais específica as facetas de cada fator de personalidade e a agressividade, motivações, crenças e outros aspectos que levam as violência a ocorrerem em maior quantidade em relações conjugais, além de investigar se variáveis de vulnerabilidade como preditoras para a ocorrência de violência.

Em termos sociais, a pesquisa permite uma perspectiva que fomenta intervenções não só com as vítimas, mas também com os autores de violência

doméstica de modo a fazer um trabalho mais efetivo na prevenção de violências. Para além disto, esta pesquisa teve grande importância para a sociedade, uma vez que auxilia na elaboração de estratégias de intervenção e prevenção, de modo que identificou alguns fatores de risco e proteção, bem como contribui para os âmbitos dos direitos humanos por meio de debates de igualdade de gênero e machismo, por exemplo.

Após mais de dois anos estudando autores de violência doméstica, foi possível entender que estudar o fenómeno da violência no Brasil, é se debruçar em diversas áreas que esta mazela afeta, como a saúde pública e a educação. No que diz respeito ao desenvolvimento de pesquisas, aprofundar o conhecimento sobre o tema é sensibilizar a sociedade e fortalecer redes de apoio tanto para as vítimas quanto para os perpetradores de violência. Por fim, pesquisas como esta auxiliam na inovação de práticas de intervenção, orientam programas de apoio já existentes e monitoram a eficácia das estratégias de enfrentamento.

Referências

- Angelim, F. P., & Diniz, G., G., G. R. S. (2009). O pessoal torna-se político: o papel do Estado no monitoramento da violência contra as mulheres. *Revista Psicologia Política*. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v9n18/v9n18a06.pdf>.
- Abranches, C. D & Assis, S. G (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Saúde Pública*, Rio de Janeiro. DOI: doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500003.
- Adorno, S. (2002). Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia-PSI*
- Ajodo, F. M. (2021). Traços de personalidade, diferença de gênero e violência doméstica entre residentes de Gudi, estado de Nasarawa, Nigéria Emmanuel Onu Alhassan PhD Blessing Stephen Akwaden. *Revista África Subsaariana De Psi*. <https://fssunilorinedu.org/sajpci/download/Sub-Sahara%20African%20Journal%20of%20Psychology.pdf#page=90>.
- Alvarez, A. (1994). Abuso sexual de crianças: a necessidade de lembrar e a necessidade de esquecer. In A. Alvarez. *Companhia Viva* (pp. 161-172). Porto Alegre, RS: Artmed
- Apolinário, J. D. S. L., Flores-Mendoza, C., e Jardim, G. L. (2025). Maus-tratos infantis e traços de personalidade como preditores de agressividade em adolescentes. *Revista de Psicología*. DOI: doi.org/10.18800/psico.202501.019.
- Aquino, J. G.(1998). A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 47, dezembro/98. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000400002>
- Arendt, H. (1988) *Da Revolução*. Trad. Fernando Dídimo Vieira. São Paulo: Editora Ática.

- Babcock, S. E., & Wilson, C. A. (2020). Big Five Models of Personality. *The Wiley Encyclopedia of Personality and Individual Differences: Personality Processes and Individual Differences*. DOI: doi.org/10.1002/9781119547174.ch186
- Baião, A. B. R., Herênio, A. C. B., & Carvalho, A. L. A. (2022). Transtorno opositivo desafiador e o contexto familiar: Uma revisão bibliográfica. *Psicologias em Movimento*.
- Bartholomeu, D. (2005). Traços de personalidade e características emocionais de crianças. *Psicologia da Vetor Editora*, 6(2), 11-21.
- Barreto, A. C., Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Almeida, P. C & Souza, E. (2008). Desenvolvimento Humano e Violência de Gênero: Uma Integração Bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.
- Bandura, A. (1978). Teoria da aprendizagem social da agressão . *Journal of Communication* [doi:10.1111/j.1460-2466.1978.tb01621.x](https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1978.tb01621.x).
- Bandura, A. (1977). Social learning theory. Englewood Cliffs: Prentice-Hall. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*. DOI: doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191.
- Bandeira, L. M., & Almeida, T. M. C. (2015). Vinte anos da Convenção de Belém do Pará e a Lei Maria da Penha. *Revista Estudos Feministas*. DOI: doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p501.
- Barlett, C.P & Anderson, C.A (2012). Relações diretas e indiretas entre os traços de personalidade Big 5 e comportamentos agressivos e violentos. *Personalidade e Diferenças Individuais* , 52 , 870 – 875. DOI: [doi:10.1016/j.paid.2012.01.029](https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.029).
- Barnoux, M., Gannon, T. A., & Ó Ciardha, C. (2015). A descriptive model of the offence chain for imprisoned adult male firesetters (descriptive model of adult male

- firesetting). *Legal and Criminological Psychology*. DOI: doi.org/10.1111/lcrp.12071.
- Barros, E. N. D., Silva, M. A., Falbo, G. H., Lucena, S. G., Ponzo, L., & Pimentel, A. P. (2016). Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*.
- Basar, F., & Demirci, N. (2018). Domestic violence against women in Turkey. *Pakistan journal of medical sciences*. DOI: doi.org/10.12669/pjms.343.15139.
- Brandt, N., Lechner, C., Tetzner, J., & Rammstedt, B. (2019). Personality, cognitive ability, and academic performance: Differential associations across school subjects and school tracks. *Journal of Personality*. DOI: <https://doi.org/10.1111/jopy.12482>;
- Bender, R. F., & Pureza, J. R. (2023). Associações entre traços de personalidade e níveis de autocompaixão e autocrítico. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. DOI: doi.org/10.5935/1808-5687.20230018.
- Bergner, R. (2020). What is personality? Two myths and a definition. *New Ideas in Psychology*. DOI: doi.org/10.1016/j.newideapsych.2019.100759.
- Bernaski, J. & Sochodolak, H. (2018). *História da Violência e Sociedade Brasileira*. DOI: <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2018.1.24181>
- Borgatta, E. F. (1964). The structure of personality characteristics. *Behavioral science*. DOI: doi.org/10.1002/bs.3830090103.
- Brasil. *Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena [Internet]*. Brasil: Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ODNH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH); 2020 [acessado em 28 mar. 2022]. Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>.

Brasil. (2006, 7 de agosto). Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. *Dispõe sobre mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, cria os Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Seção 1, 1-4.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.

Bratko, Denis & Butković, Ana & Vukasović Hlupić, Tena. (2017). Heritability of Personality. *Psihologijske Teme*. DOI: doi.org/10.31820/pt.26.1.1.

Baúto, R. V., Almeida, I., Costa, J., & Gama, A. R. (2019). Intimate partner violence risk assessment in forensic psychology office. *Annals of Medicine*. DOI: doi.org/10.1080/07853890.2018.1562756.

Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Revista Psychol.*

Bronfenbrenner, U. (Ed.). (2002). A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artemed.

Bronfenbrenner, U. (Ed.). (2004). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). *The ecology of developmental Processes*. In W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology, Vol.1 - Theoretical models of human development* (5a . ed., pp. 993-1028). New York:

Wiley

- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research and empirical findings. *Social Development*, 9, 115- 125.
- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.), *Six theories of child development: revised formulations and current issues*. (185- 246). Greenwich: JAI.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (3-28). Washington, DC: *American Psychological Association*.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. M. A. V. Veronese (Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Publicado originalmente em 1979).
- Bronfenbrenner, U. (2005). Ecological systems theory (1992). In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 106– 173). Sage Publications Ltd.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2003). Família, locus de vivências: Do amor à violência. In T. Feres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: Arranjos e demandas contemporâneas* (169-183). Rio de Janeiro, RJ: *Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*.
- Buriolla, H. L., Watanabe, N. H., de Oliveira, T. V. D. S., & Miguel, F. K. (2018, October). *Comportamentos de risco e traços de personalidade*. In Congresso do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEL (259-264).

<https://anais.uel.br/portal/index.php/ppgpsi/article/view/242>.

Buss, A. H.; Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459. Doi.

Bustamante, M. I., Capitão, C. G., Batista, M. A., Bartholomeu, D., & Montiel, J. M.

(2016). Validade por estrutura interna da escala para avaliação de tendência à agressividade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 726-737.

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/cdHTqJyMwzjNDc7KJVJVfCN/?lang=pt>.

Caldeira, C. T. M. (2012). *Perfil psicopatológico de agressores conjugais e fatores de risco* (Master's thesis. Universidade da Beira Interior

(Portugal)).<https://search.proquest.com/openview/ff360eeb4000db1dbae9d6cf5971dd16/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>.

Cangussú, M., & Ferreira, M. (2015/2016). Habilidades Sociais e Personalidade.

Aspectos correlacionais que influenciam no comportamento de risco social dos adolescentes. *Revista Iniciação Científica*, 130-134.

Cannon, C., Ferreira, R. J., & Buttell, F. (2019). Critical Race Theory, Parenting, and Intimate Partner Violence: Analyzing Race and Gender. *Research on Social Work Practice*, 29(5), 590-602.

<https://doi-org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1177/1049731518784181>.

Carneiro, M. F. G. L. (2017). Violência Contemporânea: algumas análises. *Revista do Curso de História da Estácio*. Belo Horizonte, 09, 1-19.

Carvalho-Barreto, A., Vidal, A. A., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2004). Agressor sexual na dinâmica relacional da família: Um estudo de caso. In J. S. N. F.

Bucher-Maluschke, G. Maluschke, & K. Hermanns (Eds.), *Direitos humanos e violência: Desafios da ciência e da prática* (pp. 197-212). Fortaleza, CE: Fundação

Konrad Adenauer.

Carvalho-Barreto, A., Nobre, J. S., Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Almeida, P. C. & Souza, E. (2008). Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. DOI: doi.org/10.1590/S0102-79722009000100012.

Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2019). Modelo de cinco fatores de personalidade e agressão sexual. *Jornal Internacional de Terapia de Infratores e Criminologia Comparativa*, 63(5), 797-814.
<https://doi-org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0306624X13481941>.

Cascardi, M., Chesin, M., & Kammen, M. (2018). Personality correlates of intimate partner violence subtypes: A latent class analysis. *Aggressive Behavior*, 44(4), 348-361. <https://doi.org/10.1002/ab.21756>.

Castanheira, L. I. C., & Simões, S. O. (2018). *Relação entre Personalidade e Dimensões Psicológicas Positivas (Afetos, Autocompaixão, Mindfulness e Esperança)*. Dissertação de Mestrado em Psicologia.
<http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/946>.

Cattell, R. B., & Klein, T. W. (1975). A Check on Hypothetical Personality Structures and Their Theoretical Interpretation at 14-16 Years in T-Data. *British Journal of Psychology*, 66(2), 131-151. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8295.1975.tb01447.x>.

Cavalcanti, J. G & Pimentel, C. E. (2016). Personalidade e agressão: uma contribuição do Modelo Geral da Agressão. *Estudos em psicologia. (Campinas)*, 33, 443-451.

Cataldo, Q. F, Santo, W. S, Sousa, E. M. P., Ponte, L. A. & Sousa, S. L. H. (2019). Traços de personalidade e comportamentos agressivos: O papel mediador da vingança. *Análise Psicológica*, 3, 301-311.
http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312019000300004.

- Chester, D. S., & DeWall, C. N. (2018). The roots of intimate partner violence. *Current opinion in psychology*, 19, 55-59. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.009>.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília.
http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.html
- Cope, L. M., Ermer, E., Gaudet, L. M., Steele, V. R., Eckhardt, A. L., Arbabshirani, M. R., Caldwell, M. F., Calhoun, V. D., & Kiehl, K. A. (2014). Abnormal brain structure in youth who commit homicide. *NeuroImage. Clinical*, 4, 800–807.
<https://doi.org/10.1016/j.nicl.2014.05.002>.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1998). Trait theories of personality. In D. F. Barone, M. Hersen, & V. B. Van Hasselt (Eds.), *Advanced personality* (103–121). Plenum Press. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-8580-4_5.
- Curia, B. G.; Dias, V.; Zamora, J. C.; Ruoso, A.; Ligório, I. S. & Habigzang, L (2020). Produções científicas brasileiras em Psicologia sobre violência contra mulher por parceiro íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-19.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003189184>.
- Craig, R. J. (2003). Use of the Millon Clinical Multiaxial Inventory in the psychological assessment of domestic violence: A review. *Aggression and Violent Behavior*, 8(3), 235–244. [https://doi.org/10.1016/S1359-1789\(01\)00058-1](https://doi.org/10.1016/S1359-1789(01)00058-1).
- Dadoun, R. (1998). *A violência: ensaio acerca do “homo violens”*. Trad. de Pilar F. de Carvalho e Carmen de C. Ferreira. Difel, Rio de Janeiro.
- Daspe, M. È., Sabourin, S., Godbout, N., Lussier, Y., & Hébert, M. (2015). Neuroticismo e coerção sexual masculina relatados por ambos os parceiros em uma amostra comunitária de casais. *O Jornal de Pesquisa Sexual*, 53(8), 1036–1046.
<https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1094778>.

De Almeida, A. N., André, I. M., & de Almeida, H. N. (1999). Sombras e marcas: os maus tratos às crianças na família. *Análise social*, 91-121.

<https://www.jstor.org/stable/41011356>.

De Melo Cavestro, J., Franco, F. P., & Garbocci, J. C. R. (2024). Personalidade e bem-estar: há alguma correlação? 8(1), 120-129. <https://doi.org/10.61910/ricm.v8i1.278>.

de Moraes Carrapatoso, L. N. (2019). *Traços de Personalidade e Ansiedade na Relação com Indicadores Sociodemográficos na População Geral Adulta* (Master's thesis, Universidade de Lisboa

(Portugal)). <https://www.proquest.com/openview/9ff2b617ace8b7c4f438ca6e0123ec84/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>.

DeYoung, C. (2010). Discussion on ‘Automatic and controlled processes in behavioural control: Implications for personality psychology’. *European Journal of Personality*, 24(5), 404-422. <https://doi.org/10.1002/per.780>.

Dias, T. A. L. (2016). *Os traços da personalidade e a violência no namoro: estudo com jovens adultos* (Master's thesis). <https://hdl.handle.net/10316/34011>.

Dinić, B. M., & Smederevac, S. (2018). When you say aggressiveness, what do you mean by that? Similarities and differences between aggressiveness/agreeableness scales from personality inventories. *Personality and Individual Differences*, 134, 314-320. https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S019188691830360X?casa_token=rHhCWqagSAsAAAAA:-SYL4o6ekDuX08qaDY2grB6w_Zj7IwokKdTCzAVqLGZuaHN4XI84YMEWZMjK-HOzcUbt_jfMHg.

Dorling, E., Onifade, H., & Browne, K. (2024). Perpetração de violência por parceiro íntimo e o modelo de personalidade de cinco fatores: uma revisão sistemática. *Trauma, Violência e Abuso*, <https://doi.org/10.1177/15248380241299431>.

- Dutton, D., & Golland, S. (1997). *El golpeador. Un perfil psicológico*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Elias, N. (1994). *Sugestão para uma teoria de processos civilizatórios*. O processo civilizador, 2, 192-297. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v13i53.8640203>
- Fernandes, I. M. *Processo penal e gênero: o caminho percorrido até a inconstitucionalidade da tese de legítima defesa da honra para o feminicídio*. Trabalho de Conclusão de Curso. Repositório Universitário de Brasília. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15740>.
- Ferreira, A. S. M. A. (2018). *O papel da personalidade no comportamento agressivo: da teoria à avaliação* (Dissertação de mestrado não-publicada). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Feist, J., Feist, G. J., & Roberts, T. A. (2015). *Teorias da personalidade-8*. AMGH Editora.
- Figueiredo, B. (1998). Maus tratos a criança e ao adolescente (I): Situação e enquadramento da problemática. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*. 3, 5-20. <https://hdl.handle.net/1822/41839>.
- Fiske, D. W. (1949). Consistency of the factorial structures of personality ratings from different sources. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 44(3), 329-344. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0057198>.
- Formiga, N. S. (2013). Sentimento anômico e condutas antissociais e delitivas: verificação de um modelo causal em jovens brasileiros. *Liberabit*, 19(1), 33-44. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000200010>.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Vozes.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). *Nota Técnica nº 15: Impactos da Pandemia de COVID-19 nos Casos de Violência Doméstica no Brasil em 2020*.

- <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-co-vid-19-ed02-v5.pdf>.
- Freitag, M., & Bauer, P. C. (2016). Personality traits and the propensity to trust friends and strangers. *The social science journal*, 53(4), 467-476.
- https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0362331915001123?casa_token=gcpeTOfxEvgAAAAA:IXxPjXQLVVMuwiTXLaj23gXpomLM3lyRhY0cRP03tv3oR-DzHBRq4ye1CHDenXAG25BIBag3Iw;
- Frezza, C. M. Características Sócio-Demográficas E De Tipificação Da Agressão De Homens Autores De Violência De Gênero Contra A Mulher. Trabalho de Conclusão de Curso. Repositório Universitário de Caxias do Sul.
- <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8528>.
- Fuentes-Hurtado, F., Diego-Mas, J. A., Naranjo, V., & Alcañiz, M. (2018). Finding the Importance of Facial Features in Social Trait Perception. In *Intelligent Data Engineering and Automated Learning—IDEAL 2018: 19th International Conference, Madrid, Spain*.
- https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-03493-1_5.
- Fuentes, D., Tavares, H., Camargo, C. H. P., & Gorenstein, C. (2000). Inventário de Temperamento e de Caráter de Cloninger—Validação da versão em Português. *Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia. São Paulo: Lemos*, 363-76.
- Funder, D. C., & Colvin, C. R. (1988). Friends and strangers: acquaintanceship, agreement, and the accuracy of personality judgment. *Journal of personality and social psychology*, 55(1), 149.
- https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0963721416635552?casa_token

- Comparative Criminology*. DOI: doi.org/10.1177/0306624X19826516. (Original work published 2020)
- Griebler, C. N & Borges, J. L. (2013). Violência Contra a Mulher: Perfil dos Envolvidos em Boletins de Ocorrência da Lei Maria da Penha. *Psicol*, 44 (2), 215-225.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5631467>.
- Grippe, K. C. A. (2021). *Avaliação Psicológica Com Autor De Violência Contra A Mulher No Âmbito Doméstico*. Trabalho de Conclusão de Curso.
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15853>;
- Goldberg, L. R. (1992). Goldberg's Big Five Questionnaire. *Psychological Assessment*. DOI: doi.org/10.1037/t09696-000.
- Goldberg, L.R. (1981). Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. L.Wheeler (Ed). *Review of personality and social psychology*, 2, Beverly Hills, CA: Erlbaum, 141–165.
https://projects.ori.org/lrg/PDFs_papers/universals.lexicon.81.pdf.
- Gomes, A. L., Amboni, G., & Almeida, T. (2011). Ciúme romântico em casais heterossexuais: relatos de pessoas casadas e unidas consensualmente. *Pensando Famílias*, 15(2), 31-50.
https://www.researchgate.net/profile/Thiago-De-Almeida/publication/309761861_Ciume_Romantico_em_Casais_Heterossexuais_Relatos_de_Pessoas_Casadas_e_Unidas_Consensualmente/links/5821e39a08aece82e27f1ab9/Ciume-Romantico-em-Casais-Heterossexuais-Relatos-de-Pessoas-Casadas-e-Unidas-Consensualmente.pdf.
- Hayeck, C. M. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1). <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353>.

- Hansen, A. A. (2001). *História da Companhia de Jesus*. Petrópolis, Vozes.
- Halfhill, T., Sundstrom, E., Lahner, J., Calderone, W., & Nielsen, T. M. (2005). Group personality composition and group effectiveness: An integrative review of empirical research. *Small group research*, 36(1), 83-105. https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1046496404268538?casa_tok=en=bcc1ZjrS37UAAAAA:-HyY1woyZQNanIB8jefmDOEJEwl7f4tlfqithLyLzfuJgzMeBuMBhe4yRtZV3tmjvrw6MF7LgbKf.
- Heise, L. L. (1998). Violence against women: An integrated, ecological framework. *Violence Against Women*, 4, 262-290. <https://doi.org/10.1177/1077801298004003002>.
- Hellmuth, J. C., & McNulty, J. K. (2008). Neuroticismo, violência conjugal e o papel moderador do estresse e habilidades comportamentais. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 95(1), 166–180. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.95.1.166>.
- Hosie, J., Gilbert, F., Simpson, K., & Daffern, M. (2014). An examination of the relationship between personality and aggression using the general aggression and five factor models. *Aggressive Behavior*, 40, 189–196. <https://doi.org/10.1002/ab.21510>.
- Hou, F.; Cerulli, C. J. D.; Wittink, M. N.; Caine, E. D.; Thompson-Stone, J. M.; & Qiu, P. (2022). Rural Chinese women’s recognition of intimate partner violence and their coping strategies: a qualitative study. *Journal of Family Violence*, 37, 613-628. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00302-4>.
- Horstmann, K., & Ziegler, M. (2020). Assessing personality states: What to consider when constructing personality state measures. *European Journal of Personality*, 34(3), 1-23. <https://doi.org/10.1002/per.2266>.

Huesmann, L. R., Dubow, E. F., Boxer, P., Landau, S. F., Gvirsman, S. D., & Shikaki, K. (2017). Children's exposure to violent political conflict stimulates aggression at peers by increasing emotional distress, aggressive script rehearsal, and normative beliefs favoring aggression. *Development and psychopathology*, 29(1), 39-50. doi:10.1017/S0954579416001115.

Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Antón, M., & Wiecezonek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 395-410. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200015>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). Pesquisa Nacional de Saúde 2019: *Informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde: Brasil, grandes regiões e unidades da federação 1* (ID: 2101748). <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>.

Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística (2000): 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro. Recuperado de <https://brasil500anos.ibge.gov.br/>.

Jardim, G. L. (2024). *Agressividade e sua relação com personalidade e MAOA na polícia militar*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Neurociências. <http://hdl.handle.net/1843/76144>.

Johnson, K., Scott, J., Rughita, B., Kisielewski, M., Asher, J., Ong, R., & Lawry, L. (2010). Association of sexual violence and human rights violations with physical and mental health in territories of the Eastern Democratic Republic of the Congo. *Jama*, 304(5), 553-562.

Jung, V. F. & Campos, C. H. (2019). Órfãos do Femicídio: Vítimas Indiretas da Violência Contra a Mulher. *Revista de Criminologias e Políticas Criminais*. 5, 1,

- 79 - 96. <https://doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0065/2019.v5i1.5573>.
- Kadiani, A., Chaudhury, S., Saldanha, D., Pande, N., & Menon, P. (2020). Psychosocial profile of male perpetrators of domestic violence: A population-based study. *Industrial psychiatry journal*, 29(1), 134-148.
https://journals.lww.com/inpj/fulltext/2020/29010/Psychosocial_profile_of_male_perpetrators_of.20.aspx.
- Karugahe, W. (2019). Eysenck's Personality Traits (EPQ-R) Score Differences Based on Gender and Role as Victim or Perpetrator of Domestic Violence in Uganda. *Psychology and Behavioral Sciences*, 8 (5), 119-127.
doi:10.11648/j.pbs.20190805.13.
- Kazeem, O. T. (2014). Personality, Self Efficacy and Health Anxiety as Predictors of Health Behaviour Among Scavenger in Ibadan, Southwestern, Nigeria. *Scientific Research Journal (SCIRJ)*, 2 (2), 21, 2201-2796.
<https://www.scirj.org/papers-0214/scirj-P011489.pdf>.
- Kiyumi, M. H. A. (2023). Conflict Management in Healthcare Leadership; A Narrative Review. *Journal of Medicine and Healthcare*. DOI: [doi.org/10.47363/jmhc/2023\(5\)251](https://doi.org/10.47363/jmhc/2023(5)251).
- Komasi, S., Saeidi, M., Soroush, A., & Zakiei, A. (2016). The relationship between brain behavioral systems and the characteristics of the five factor model of personality with aggression among Iranian students. *Journal of injury and violence research*, 8(2), 67. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4967364/>.
- Kokkinos, C. M., & Voulgaridou, I. (2017). Relational and cyber aggression among adolescents: Personality and emotion regulation as moderators. *Computers in Human Behavior*, 68,

- 528-537. https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563216307956?casa_token=aqmZCpGzmJcAAAAA:2xPCD2OjZiHs0MEInnU_-JgjXmbQUhh0GXvryqRqAY150-4tPwWq8UZzZ_wDmpbUqGK8owq4Dw.
- Kokko, K., Simonton, S., Dubow, E., Lansford, J. E., Olson, S. L., Huesmann, L. R., Boxer, P., Pulkkinen, L., Bates, J. E., Dodge, K. A., & Pettit, G. S. (2014). Country, sex, and parent occupational status: moderators of the continuity of aggression from childhood to adulthood. *Aggressive behavior*, 40(6), 552–567. <https://doi.org/10.1002/ab.21546>.
- Kwong, M. J., Bartholomew, K., Henderson, A. J. Z., & Trinke, A. (2003). The intergenerational transmission of relationship violence. *Journal of Family Psychology*, 17, 288-3.
- Kazeem, O. T. (2019). Religiosidade, personalidade e atitude em relação à violência entre jovens no sudoeste da Nigéria: uma pesquisa transversal em vários estados. *Psychologia: Um Jornal Internacional*, 27(1), 123-138. <https://journals.co.za/doi/abs/10.10520/EJC-151cc64ed9>. 01.
- Lacerda, L., & Costa, N. (2013). Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 21-36. DOI: doi.org/10.31505/rbtcc.v15i3.628.
- Lansford, J. E. (2018). Development of aggression. *Current Opinion in Psychology*, 19, 17–21. DOI: doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.015.
- Lee, K., & Ashton, M. C. (2012). Getting mad and getting even: Agreeableness and Honesty-Humility as predictors of revenge intentions. *Personality and Individual Differences*, 52(5), 596-600. DOI: doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.004.
- Leite, F. M. C., Bravim, L. R., Lima, E. D. F. A., & Primo, C. Ç. (2015). Violência contra a

- mulher: caracterizando a vítima, a agressão e o autor. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 7(1), 2181-2191.
- <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750945029>.
- Löckenhoff, CE, Chan, W., McCrae, RR, De Fruyt, F., Jussim, L., De Bolle, M., Costa, PT, Sutin, AR, Realo, A., Allik, J., Nakazato, K., Shimonaka, Y., Hřebíčková, M., Graf, S., Yik, M., Ficková, E., Brunner-Sciarra, M., Leibovich de Figueora, N., Schmidt, V.,... Terracciano, A. (2014). Estereótipos de gênero da personalidade: universais e precisos? *Jornal de Psicologia Transcultural* , 45 (5), 675-694. DOI: doi.org/10.1177/0022022113520075.
- Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (1998). Development of juvenile aggression and violence: Some common misconceptions and controversies. *American psychologist*, 53(2), 242. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.53.2.242>.
- Lopes, I. (2012). *Personalidade e Agressividade em Adolescentes e Jovens Adultos Residentes em Bairros Sociais*. Dissertação de Mestrado.
- <https://core.ac.uk/download/pdf/80950542.pdf>.
- Lopes, P. V. L., & Leite, F. (orgs.). (2013). Atendimento a homens autores de violência doméstica: desafios à política pública. *Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião*. http://www.iser.org.br/site/wp-content/uploads/2013/11/homens_miolo_9nov_.pdf.
- Lorenz, K. (1995). *Os fundamentos da etologia*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Loukas, A., Krull, J. L., Chassin, L., & Carle, A. C. (2000). The relation of personality to alcohol abuse/dependence in a high-risk sample. *Journal of personality*, 68(6), 1153-1175.

Lourenço, N., & Carvalho, M. J. L. (2001). Viver sem medo: Conhecer a Violência contra a Mulher para prevenir e combater. *Faces de Eva*, 6, 9-26.

<http://hdl.handle.net/20.500.12253/413>.

Lucas, R. E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 616–628. DOI:

doi.org/10.1037/0022-3514.71.3.616.

Mancke, F., Herpertz, S. C. & Bertsch, K. (2018). Correlates of Aggression in Personality Disorders: an Update. *Psychiatry*. 20-53. DOI:

doi.org/10.1007/s11920-018-0929-4.

Madureira, A. B., Raimondo, M. L., Ferraz, M. I. R., Marcovicz, G. V., Labronici, L. M., & Mantovani, M. F. (2014). Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: contribuições para o enfrentamento. *Anna Nery*, 18(4), 600-606. DOI: doi.org/10.5935/1414-8145.20140085.

Marot, T. A. (2021). *Autoconceito de Personalidade e Percepção de Pessoas: relações entre autopercepção e heteropercepção*. Dissertação de Doutorado (PUC-Rio).

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/56847/56847.PDF>.

McAdams, D. P. (1992). The five-factor model in personality: A critical appraisal. *Journal of personality*, 60(2), 329-361.

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00976.x>.

McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1997). Personality trait structure as human universal. *American Psychologist*, 52(5), 509–516. DOI:

doi.org/10.1037/0003-066X.52.5.509.

McCrae, RR (2009). O modelo de cinco fatores de traços de personalidade: consenso e

- controvérsia. Em PJ Corr & G. Matthews (Eds.), *O manual de Cambridge de psicologia da personalidade* (148-161). Nova York: Cambridge University Press.
- McCrae, RR, & Costa, PT, Jr. (2008). A teoria dos cinco fatores da personalidade. Em OP João, RW Robins, & LA Pervin (Eds.), *Manual da personalidade: teoria e pesquisa* (159-181). Nova York: Guilford Press
- McCullough, M. E., Kurzban, R., & Tabak, B. A. (2013). Cognitive systems for revenge and forgiveness. 36(1), 1-15. doi:10.1017/S0140525X11002160.
- Minayo, M. C. S. & Souza, E. R. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, 4, 3, 513-531. DOI: doi.org/10.1590/S0104-59701997000300006.
- Minayo, M. C. S. (2006). Violência e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz. Minayo, M. C. S. & Souza, E. R. (1993). Violence for all. *Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9 (1): 65-78. <https://static.scielo.org/scielobooks/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>.
- Minayo, M. C. S. (2004). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec. DOI: doi.org/10.1590/S1413-81232007000400030.
- Miura, P. O., Silva, A. C. S., Pedrosa, M. M. M. P., Costa, M. L., & Nobre Filho, J. N. (2018). Violência doméstica ou violência Violência Intrafamiliar: Análise dos Termos. *Psicologia & Sociedade*, 30. 1-13. DOI: doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30179670.
- Monahan, K. C., Steinberg, L., & Cauffman, E. (2009). Affiliation with antisocial peers, susceptibility to peer influence, and antisocial behavior during the transition to adulthood. *Developmental Psychology*, 45(6), 1520–1530. DOI: doi.org/10.1037/a0017417.
- Monteiro, R. P., Nogueira, G. C., Dos Reis, T. B., Monteiro, T. M. C., & da Silva

Nascimento, B. (2022). Ciúme romântico: Analisando o papel preditor dos Cinco Grandes Fatores e da Tríade Sombria da Personalidade. *Interação em Psicologia*, 26(2), 1-10.

Moraes, M. do S. B., Cavalcante, L. I. C., Pantoja, Z. C., & Costa, L. P. (2018). Violência por Parceiro Íntimo: Características dos Envolvidos e da Agressão., 2(2), 78-96.
DOI: doi.org/10.17058/psiunisc.v2i2.11901.

Moraes, A. F., & Ribeiro, L. (2012). As Políticas De Combate À Violência Contra A Mulher No Brasil E A Responsabilização Dos Homens Autores De Violência. *Sexualidad, Salud Y Sociedad*. 37-58.
<https://www.scielo.br/j/sess/a/CHMSr4thgHMywYGnwWpWzhf/?lang=pt&format=html>.

Morais, R. (1995). *Violência e educação*. Campinas: Papirus.

Moreira, P., Cunha, D., & Inman, R. A. (2019). Achievement Emotions Questionnaire-Mathematics (AEQ-M) in adolescents: factorial structure, measurement invariance and convergent validity with personality. *European Journal of Developmental Psychology*, 16(6), 750-762.
https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17405629.2018.1548349?casa_token=Q5AI5kCLkJMAAAAAA:5ZyxMmSOQJNy72jTZ5rYSIkjn531enkxgmGCC5WLTdhMUH6NpJ6IE3MKHoSB5XkVaT5PYVbj69IFcfA.

Mroczek, D. K., & Spiro, A. III. (2005). Change in Life Satisfaction During Adulthood: Findings From the Veterans Affairs Normative Aging Study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(1), 189–202.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.88.1.189>.

Mota, J. C. D., Vasconcelos, A. G. G., & Assis, S. G. D. (2007). Análise de

- correspondência como estratégia para descrição do perfil da mulher vítima do parceiro atendida em serviço especializado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12, 799-809. <https://www.scielo.org/pdf/csc/2007.v12n3/799-809/pt>.
- Norlander, B., & Eckhardt, C. (2005). Anger, hostility, and male perpetrators of intimate partner violence: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 25(2), 119-152. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.10.001>.
- Norman, W. T. (1967). 2800 Personality Trait Descriptors--Normative Operating Characteristics For A University Population. Department of Psychology, University of Michigan.
- Noronha, A. P. P., Martins, D. da F., Campos, R. R. F., & Mansão, C. S. M.. (2015). Relações entre afetos positivos e negativos e os cinco fatores de personalidade. *Estudos de Psicologia (natal)*, 20(2), 92–101. DOI: doi.org/10.5935/1678-4669.20150011.
- Noronha, A. P. P., Lamas, K. C. A., & de Camargo Barros, M. V. (2016). Afetos e personalidade: suas relações em estudantes universitários. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 18(2), 75-88. DOI: doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v18n2p75-88.
- Nothaft, R. J., & Beiras, A. (2019). O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar?. *Revista Estudos Feministas*, 27, e56070. <https://www.scielo.br/j/ref/a/NhwDZmdztnb8WYrFsWFr8S/?lang=pt&format=html>.
- Nunes, C. H. S. D. S. (2000). *A construção de um instrumento de medida para o fator neuroticismo/estabilidade emocional dentro do modelo de personalidade dos cinco grandes fatores*. Dissertação de Mestrado.. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1774>.

- Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2002). O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade. *Temas em avaliação psicológica*, 40-49.
- Nunes, C. H. S. S. (2005). *Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores*. Tese de Doutorado não publicada, UFRGS, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2013). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Organización Mundial de la Salud. (2005). *Estudio multipaís de la OMS sobre salud de la mujer y violencia doméstica contra la mujer: resumen de los resultados iniciales sobre prevalencia, consecuencias para la salud y respuestas de las mujeres*. Ginebra: OMS. Disponível em:
<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20definem%20a,em%20vida%20p%C3%ABlica%20ou%20privada%22>.
- Organização Mundial da Saúde (2011). *Um relatório sobre saúde*.
- Otieno, O. A., Onderi, O. P., & Awuor, D. M. (2021). A personalidade dos cinco grandes como correlato do envolvimento na violência entre estudantes em escolas secundárias no subcondado de Nyando, Quênia. *Revista Internacional de Pesquisa e Inovação em Ciências Sociais*, 5(09), 244-256.
<https://www.academia.edu/download/74291141/244-256.pdf>.
- Pardini, D. A., Raine, A., Erickson, K., & Loeber, R. (2014). Lower amygdala volume in men is associated with childhood aggression, early psychopathic traits, and future violence. *Biological psychiatry*, 75(1), 73-80. DOI:
doi.org/10.1016/j.biopsych.2013.04.003.

- Paiva, T. T. Pimentel, C. E., & Moura, G. B. de. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Papalia, D. E & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*, 12ª edição, 34-54.
- Pardini, D.A., Raine, A., Erickson, K. & Loeber, R (2014): Lower amygdala volume in men is associated with childhood aggression, early psychopathic traits, and future violence *Biol. Psychiatry*, 75, 73-80. DOI: doi.org/10.1016/j.biopsych.2013.04.003.
- Passos, M. F., & Laros, J. A. (2014). O modelo dos cinco grandes fatores de personalidade: Revisão de literatura. 13-21.
https://www.researchgate.net/profile/Jacob-Laros/publication/272181115_O_modelo_dos_cinco_grandes_fatores_de_personalidade_Revisao_de_literatura/links/54de774a0cf2953c22aeea2c/O-modelo-dos-cinco-grandes-fatores-de-personalidade-Revisao-de-literatura.pdf.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 3.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161415>.
- Peixoto, A. C. ., & Meneses, R. F. . (2021). Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade e as Habilidades Sociais: Revisão das Relações. *E- Revista De Estudos Interculturais*, (6). DOI: doi.org/10.34630/erei.vi6.4039.
- Penha, M. (2012). Sobrevivi... posso contar. Fortaleza: Armazém da Cultura, Oficina do Historiador, 11 (1), 43-60.

- Pervin, L., & John, O. (2004). *Personalidade: Teoria e pesquisa* (8ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Pessoa, A. I., Frazier, P. A., Selvey-Bouyack, A. M., Anders, S. L., Shallcross, S. L., & Simpson, J. A. (2024). Associações entre agressão sexual e funcionamento de relacionamento romântico: uma análise de métodos mistos. *Jornal de Relações Sociais e Pessoais*, 41(8), 2297- 2322. DOI: doi-org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1177/02654075241241496.
- Petersson, J., & Strand, S. J. M. (2020). Perpetradores de violência por parceiro íntimo apenas na família: uma revisão sistemática. *Trauma, Violência e Abuso*, 21(2), 367-381. DOI: doi.org/10.1177/1524838018770410.
- Picado, I. C. R. (2018). *Traços de personalidade e saúde mental: diferenças entre homens e mulheres* (Doctoral dissertation). <http://hdl.handle.net/10451/37097>.
- Pinheiro, C. R. (2019). Violência no namoro: Relações entre traços de personalidade, estresse, distorções cognitivas e práticas parentais. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/METO_b566f028df16b2a9866840ff6c7ea134.
- Pinto, B. C. V. (2013). O ciúme nas relações amorosas contemporâneas: um olhar gestáltico. *IGT na Rede*, 10(19), 239-249. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1807-25262013000200002&script=sci_arttext.
- Radde, A. F., & Mendes, D. L. (2022). Ciúme Patológico: condições biopsicossociais e a efetividade do uso da terapia cognitivo-comportamental como tratamento. *Revista Perspectiva: Ciência e Saúde*, 7(1). <https://cientifica.cnec.br/index.php/revista-perspectiva/article/view/151>.

- Raimondo, M. L.; Labronici, L. M.; Müller Larocca, L. (2013). Retrospecto De Ocorrências De Violência Contra A Mulher Um Registradas Em Uma Delegacia Especial *Cogitare Enfermagem*, 18(1), 43-49.
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648961006>.
- Reis, D. M., Prata, L. C. G. & Parra, C. R (2018) O Impacto da violência intrafamiliar no Desenvolvimento psíquico infantil. 1-20.
- Reis, D. C. (2016). Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes: características biopsicossociais e trajetórias de vida (Doctoral dissertation, Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2017/MencoesHonrosas/PsicologiaDaniela-Castro-dos-Reis.PDF>
- Renner, L. M., & Slack, K. S. (2004). Intimate partner violence and child maltreatment: Understanding intra- and intergenerational connections. *Child Abuse & Neglect*, 30, 599-617. DOI: doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.12.005.
- Robles-Granda, P., Lin, S., Wu, X., D'Mello, S., Martinez, G., Saha, K., Nies, K., Mark, G., Campbell, A., Choudhury, M., Dey, A., Gregg, J., Grover, T., Mattingly, S., Mirjafari, S., Moskal, E., Striegel, A., & Chawla, N. (2020). Jointly Predicting Job Performance, Personality, Cognitive Ability, Affect and Well-Being.
<https://arxiv.org/abs/2006.08364>.
- Rodrigues, R. I., & Gomes, C. (2022). Desenvolvimento e validação de uma versão Portuguesa do Inventário de Personalidade Big Five. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 2(63), 163.
<https://www.redalyc.org/journal/4596/459671926013/html/>.
- Romero-Martínez, Á., & Moya-Albiol, L. (2013). Neuropsicología del maltratador: el rol

- de los traumatismos craneoencefálicos y el abuso o dependencia del alcohol.
Revista de Neurología, 57(11), 515-522.
<https://www.academia.edu/download/48598435/articuloneuro.pdf>.
- Rosa, A. G. D., Boing, A. F., Büchele, F., Oliveira, W. F. D., & Coelho, E. B. S. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência.
Saúde e Sociedade, 17,
 152-160. <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2008.v17n3/152-160/pt>.
- Ruggi, S., Gilli, G., Stuckless, N., & Oasi, O. (2012). Assessing vindictiveness: Psychological aspects by a reliability and validity study of the Vengeance Scale in the Italian context. *Current Psychology*, 31, 365-380.
<https://link.springer.com/article/10.1007/s12144-012-9153-2>.
- Sacramento, L., T. & Rezende, M., M. (2006). Violências: lembrando alguns conceitos.
Aletheia, 24, 95-104.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt.
- Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Ministério Público do Estado da Bahia.
- Sattar, T., Ahmad, S., & Asim, M. (2022). Intimate partner violence against women in Southern Punjab, Pakistan: A phenomenological study. *BMC women's health*, 22(1), 505. <https://link.springer.com/article/10.1186/s12905-022-02095-0>.
- Scott, J. B. & Oliveira, I. F. (2021). Grupos reflexivos para homens autores de violência doméstica: Estudo comparativo a partir de três programas brasileiros. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(1), 1–26. DOI: doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP13040.
- Scott, J. B. & Oliveira, I. F. (2018). Perfil de Homens Autores de Violência Contra a

- Mulher: Uma Análise Documental. *Revista de Psicologia da IMED*, 10, 2, 71-88.
DOI: doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i2.2951.
- Schneider, Andgélia Mirithua. Violência entre parceiros íntimos: características comportamentais do agressor em situação de cárcere. 2014. 150 f. *Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Tuiuti do Paraná*, Curitiba.
<https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1359>.
- Samuels, F.; Masson, V. & Gupta, T. (2019). One step forwards half a step backwards: changing patterns of intimate partner violence in Bangladesh. *Journal of Family Violence*, 34, 107-118 DOI: doi.org/10.1007/s10896-018-0003-3.
- Santos, C. M., & Machado, I. V. (2018). Punir, restaurar ou transformar? Por uma justiça emancipatória em casos de violência doméstica. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 146(A. 26), 241-271. <https://hdl.handle.net/10316/80908>.
- Santos, G. D. A. B. D. (2020). *Desenvolvimento de esquema iniciais desadaptativos em adolescentes em vulnerabilidade social*. 131 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica. <https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14481>.
- Santos, J. V. T. A. (1996). violência como dispositivo de excesso de poder. *Soc. estado*, Brasília, 10 (2), 281-298.
<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44054>.
- Senna, S. R. C. M. & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. 28 (1), 101-108. DOI: doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013.
- Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN). (2024). *Relatórios de Informações Penais [RELIPEN]*. 16º Ciclo do SISDEPEN. 86.

<https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relipen/relipen-1-se-mestre-de-2024.pdf>.

Sharpe, J. P., & Desai, S. (2001). The revised Neo Personality Inventory and the MMPI-2 Psychopathology Five in the prediction of aggression. *Personality and Individual Differences*, 31(4), 505-518.

https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0191886900001550?casa_token=hEIVd4qWJ70AAAAA:auHTO0eZOtbGynNE7LtSE08gkKmwI9KrixRSEtt9LggZyOWIg0-vPEDAripUEh-YZaOyRBCrZg;

Sindermann, C., Luo, R., Zhao, Z., Li, Q., Li, M., Kendrick, K. M., Montag, C. (2018). High anger and low agreeableness predict vengefulness in German and Chinese participants. *Personality and Individual Differences*, 121, 184-192. DOI:

doi.org/10.1016/j.paid.2017.09.004

Sinhoretto, J., & Morais, D. D. S. (2018). Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada. *Revista de Estudios Sociales*, (64), 15-26. DOI:

doi.org/10.7440/res64.2018.02.

Silva, A. C. L. G. D., Coelho, E. B. S., & Moretti-Pires, R. O. (2014). O que se sabe sobre o homem autor de violência contra a parceira íntima: uma revisão sistemática.

Revista Panamericana de Salud Publica, 35(4),

278-283. <https://www.scielo.org/pdf/rpsp/v35n4/07.pdf>.

Silva, R. S., Schlottfeldt, C. G., Rozenberg, M. P., Santos, M. T., & Lelé, Á. J. (2007).

Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grandes Fatores em medidas da personalidade. *Mosaico: estudos em psicologia*, 1(1).

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/download/6230/3822>.

Silva, I. B., & Nakano, T. de C. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da

- personalidade: análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 51-6
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Silveira, R. S., Nardi, H. C. & Spindler, G. (2014). Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. 26 (2). DOI:
doi.org/10.1590/S0102-71822014000200009.
- Siqueira, T. M. L. de. (2010). O trabalho escravo perdura no Brasil do século XXI. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3a. Região*. Belo Horizonte 52, 82, 127- 147.
<http://as1.trt3.jus.br/bd-trt3/handle/11103/27056>.
- Sisto, F. F. (2012). *Manual da escala para avaliação de tendência à agressividade*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Sisto, F. F. & Oliveira, A. F. (2007). Traços de personalidade e agressividade: um estudo de evidência de validade. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 8, 1, 89-99.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142007000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Skinner, A.T., Bacchini, D, Lansford, J.E., Godwin, J., Sorbring, E., Tapanya, S., Uribe T., Zelli, A., Alampay, L.P. & Al-Hassan, S.M. (2014). Neighborhood danger, parental monitoring, harsh parenting, and child aggression in nine countries. *Societes*. DOI:
<https://doi.org/10.3390/soc4010045>.
- Skinner, B. F. (2000). *Sobre o Behaviorismo* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Smith, G. M. (1967). Usefulness of peer ratings of personality in educational research. *Educational and Psychological measurement*, 27(4), 967-984. DOI:
doi.org/10.1177/001316446702700445.

- Smith, M., Hamplová, D., Kelley, K., & Evans, M. (2021). Concise survey measures for the Big Five personality traits. *Research in Social Stratification and Mobility*, 73, DOI: doi.org/10.1016/j.rssm.2021.100595;
- Schneider, C., & Brimhall, A. S. (2014). From scared to repaired: Using an attachment-based perspective to understand situational couple violence. *Journal of Marital and Family Therapy*, 40(3), 367-379.
https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jmft.12023?casa_token=BkfRX3yvPGEAAAAA:n1rDflEwhI91NGqOleYQgazarcCeOzBu3lS10D6x9M5VfXjUCKL8OYaV1T1jfEv4klXSw1ZiO8Hj-LE.
- Soeiro, C., & Gonçalves, R. A. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 28(1), 227-240. DOI: doi.org/10.14417/ap.271.
- Souza, L. D. J., & Farias, R. D. C. P. (2022). Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. *Serviço Social & Sociedade*, 213-232.
<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/RWf4PKDthNRvWg89y947zgw/?format=html&lang=pt&stop=next>.
- Souza, M. B., & Silva, M. F. S. D. (2019). Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. *Pensando famílias*, 23(1), 153-166.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2019000100012&script=sci_arttext.
- Soares, E. M. R., Silva, N. L., Matos, M. A. S., Araújo, E. T. H., Silva, L. R. & Lago, E. C. (2016). Perfil da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. *Revista Interdisciplinar*, 9(1), 87-96.

- <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/74>
- Sokolovska, V., Dinic, B. M. Tomasevic, A. (2018). Aggressiveness in the HEXACO personality model. *Psihologija*, 51(4), 449-468. DOI: doi.org/10.2298/PSI170705022S.
- Stenzel, G. Q. D. L. (2019). Características de personalidade de agressores conjugais: um estudo qualitativo. *Pensando familias*, 23(1), 137-152. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2019000100011&script=sci_arttext.
- Stuckless, N., & Goranson, R. (1992). The vengeance scale: Development of a measure of attitudes toward revenge. *Journal of social behavior and personality*, 7(1), 25. <https://www.proquest.com/openview/73e160085ff3a7b621b5b0412b9253f3/1?cbl=1819046&pq-origsite=gscholar>.
- Su Z., McDonnell D., Cheshmehzangi A., Ahmad J., Chen H., Šegalo S. & Cai Y. (2022). What “Family Affair?” Domestic Violence Awareness in China *Public Health*. 10:795841. doi: 10.3389/fpubh.2022.795841.
- Teixeira, J. N. D. S., Resende, A. C., & Perissinotto, R. (2020). Vitimização e psicopatia em autores de violência sexual contra crianças e adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 19 (2), 123–131.
- Thurackal, JT, Corveleyn, J., & Dezutter, J. (2016). Personalidade e autocompaixão: explorando seu relacionamento em um contexto indiano. *European Journal of Mental Health* , 11 (1-2), 18-35. <http://doi.org/10.5708/EJMH.11.2016.1-2.2>.
- Toprak, S., & Ersoy, G. (2017). Femicide in Turkey between 2000 and 2010. 12(8), Artigo e0182409. DOI: doi.org/10.1371/journal.pone.0182409.
- Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O’Neal, D. N., Lydston, E. E., & Aramburo, L. F. L. (2016).

- The big five personality traits and intimate partner violence: Findings from a large, nationally representative sample. *Violence and victims*, 31(6), 1100-1115.
10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055.
- Valsiner (Ed.), *Comparisons in human development: understanding time and context*. (72-105). New York: Cambridge University Press.
- Varisco Lazzari, K. C., Pinhal de Carlos, P., & Accorssi, A. (2020). Violência De Gênero E Direito Das Mulheres No Brasil. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, 8(3), 221–234. DOI: doi.org/10.17564/2316-3801.2020v8n3p221-234.
- Viana, A. L. et al. Violência contra a mulher (2018). *Revista enfermagem UFPE on line*, 923-9. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/110273>.
- Viana, D. S., & Costa, M. do S. M. (2024). A Cultura do Patriarcado no Brasil: Da Violência Doméstica ao Feminicídio. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências e Educação*, 10(5), 2829–2847.
<https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13935>.
- Vieira, É. Z. (2009). *A influência da colonização alemã na mudança do eixo econômico do Rio Grande do Sul*. Niterói: Universidade Federal Fluminense.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25354>.
- Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N.. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200033. DOI: doi.org/10.1590/1980-5497202000033.
- Vung, N. D., Ostergren, P.-O., & Krantz, G. (2008). Intimate partner violence against women in rural Vietnam - different socio-demographic factors are associated with different forms of violence: Need for new intervention guidelines? *BMC Public*

- Health*, 8(1). DOI: doi.org/10.1186/1471-2458-8-55.
- Wainer, R. (2016). O desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. *Terapia Cognitiva Focada Em Esquemas*, 15-26.
- Waldman, D. A., Atwater, L. E., & Davidson, R. A. (2004). The role of individualism and the five-factor model in the prediction of performance in a leaderless group discussion. *Journal of personality*, 72(1), 1-28.
https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.0022-3506.2004.00254.x?casa_to ken=zIBLCYbfNIQAAAAA:lREH_6maY2K_uQ06Rn_V-P8SsExTadQelvxugswg_fwadRB6S4PWKf3OjZnGlTPjMo7UaJgo-XrxvRNc.
- Warburton, W., & Anderson, C. A. (2015). On the clinical applications of the general aggression model to understanding domestic violence. *Understanding domestic violence: Theories, challenges, remedies*, 1-56.
<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=6jFhDwAAQBAJ&oi=fnd &pg=PA71&dq=+Warburton+%26+Anderson,+2015>).
- Watson, D., & Hubbard, B. (1996). Adaptational style and dispositional structure: Coping in the context of the Five-Factor model. *Journal of personality*, 64(4), 737-774.
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-6494.1996.tb00943.x>.
- Widiger, T. A., & Costa, P. T., Jr. (2002). Five-factor model personality disorder research. In P. T. Costa, Jr. & T. A. Widiger (Eds.), *Personality disorders and the five-factor model of personality* (2nd ed., pp. 59–87). American Psychological Association.
<https://doi.org/10.1037/10423-005>
- Winstead, A. P., & Stevenson, M. C. (2022). Effects of Intimate Partner Violence Perpetrator and Victim Race on Protective Order Determinations. *Journal of Interpersonal Violence*. DOI:

<https://doi.org.ez3.periodicos.capes.gov.br/10.1177/08862605211028164>.

World Health Organization, (1996.) Prevention of violence: a public health priority.

Forty-ninth Assembly. Geneva: World Health Association, 20-25.

Zart, L., & Scortegagna, S. A. (2015). Perfil sociodemográfico de mulheres vítimas de violência doméstica e circunstâncias do crime. *Erechim: Perspectiva*, 39(148),

85-93. https://uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_536.pdf.

Zhang, H., Qu, W., Ge, Y., Sun, X., & Zhang, K. (2017). Effect of personality traits, age and sex on aggressive driving: Psychometric adaptation of the Driver Aggression

Indicators Scale in China. *Accident Analysis & Prevention*, 103, 29- 36. DOI:

<https://doi.org/10.1016/j.aap.2017.03.016>.

Anexo A – Formulário de Caracterização Biopsicossocial de Autores de Violência Doméstica

Data de Nascimento	<u> </u> / <u> </u> / <u> </u>	Condição atual	1. Empregado 2. Desempregado 3. Aposentado	S. I. ☐
Idade		Ocupação		S. I. ☐
Gênero		Renda mensal	1. Até 1 salário mínimo 2. Até 3 salários mínimos 3. Até 6 salários mínimos 4. Acima de 6 salários mínimos	S. I. ☐
Orientação Sexual	1. Heterossexual 2. Homossexual 3. Bissexual 4. Outros: <u> </u>	Estado Civil	1. Casado 2. Separado 3. Divorciado 4. Solteiro 5. Viúvo	S. I. ☐
Cor/Etnia	1. Amarela 2. Branca 3. Parda 4. Preta 5. Indígena	Relação com a vítima no momento da violência	1. Casamento 2. União estável 3. Coabitação 4. Namoro 5. Ex-companheira 6. Outra: <u> </u>	S. I. ☐
Religião	S. I. ☐	Tempo de relacionamento com a vítima		S. I. ☐
Onde nasceu (cidade/estado)	S. I. ☐	Qual a relação atual com a vítima?		S. I. ☐

1 – Dados Sociodemográficos

Onde reside atualmente (cidade/estado)	S. I. ☐	Possui filhos com a vítima?	1. Sim 2. Não	Quantos? _____ Idade dos filhos: _____	S. I. ☐
Escolaridade	1. Nunca estudou 2. E.F.I 3. E.F.C 4. E.M.I	5. E.M.C 6. E.S.I 7. E.S.C	Com quem mora atualmente?		S. I. ☐
Evasão escolar	1. Sim 2. Não	Ano escolar da evasão: Idade da evasão:	Saúde	1. Deficiência físico/motora 2. Deficiência auditiva 3. Deficiência visual	4. Deficiência intelectual 5. Transtorno mental. Qual? _____ 6. Outra condição médica grave. Qual? _____ S. I. ☐

.
.
.
.
.

Anexo B – Bateria Fatorial da Personalidade

Bateria Fatorial de Personalidade **BFP**

Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
Claudio Simon Hutz
Maiana Farias Oliveira Nunes



Correção Informatizada via Web GRATUITA

Venda restrita a psicólogos mediante apresentação do CRP, de acordo com a lei federal nº 4.119/62.

Casa do Psicólogo®

Anexo C – Escala para Avaliação de Tendências à Agressividade

